



Universidade do Minho
Instituto de Letras e Ciências Humanas

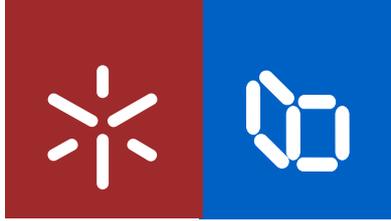
Marcos Alexandre Martins da Silva Rijo Mendes

Wenceslau de Moraes: a visão da China

Marcos Alexandre Martins da Silva Rijo Mendes **Wenceslau de Moraes: a visão da China**

UMinho | 2017

junho de 2017



Universidade do Minho

Instituto de Letras e Ciências Humanas

Marcos Alexandre Martins da Silva Rijo Mendes

Wenceslau de Moraes: a visão da China

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês:
Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

Trabalho efetuado sob a orientação da

Professora Doutora Anabela Barros

e do

Professor Doutor António Manuel Lázaro

DECLARAÇÃO

Nome: Marcos Alexandre Martins da Silva Rijo Mendes

Endereço electrónico: MRijoM@gmail.com Telefone: 925031578

Número do Bilhete de Identidade: 13612448

Título dissertação:

Wenceslau de Moraes: a visão da China

Orientadores: Professora Doutora Anabela Barros, Professor Doutor António Manuel Lázaro

Ano de conclusão: 2017

Designação do Mestrado:

Mestrado em Estudos Interculturais Português/Chinês: Tradução, Formação e Comunicação Empresarial

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, ___/___/_____

Assinatura: _____

Agradecimentos

Gostaria de agradecer neste espaço a todos aqueles que estiveram direta ou indiretamente envolvidos na realização desta dissertação.

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à professora Anabela Barros, cuja ajuda e indicações foram sempre imprescindíveis para a realização desta tarefa. As suas sugestões permitiram que esta dissertação evoluísse sempre para melhor.

Ao professor António Manuel Lázaro, pela disponibilidade que me ofereceu durante a escolha do tema da dissertação e por me ter apresentado, como objeto de estudo, a personagem de Wenceslau de Moraes.

À professora Sun Lam, pelo apoio longo que me tem oferecido, desde a licenciatura até ao mestrado. Sem a sua dedicação e esforço o Departamento de Estudos Asiáticos nunca seria tão bem sucedido.

À professora Ukai, pela sua influência durante todo o meu percurso. Não só a nível académico como a nível pessoal sempre me influenciou e apoiou, motivando-me sempre a ultrapassar os meus limites e a ambicionar sempre mais e melhor. Acredito que os seus ensinamentos irão ser sempre essenciais para a minha carreira futura.

Aos meus pais, pelo grande sacrifício e apoio que sempre me deram para eu prosseguir na vida escolar e por me facultarem a liberdade de ir atrás dos meus sonhos e ambições. A sua importância é incomparável.

À minha irmã, pelo apoio e ajuda que me tem dado em tudo ao longo da minha vida. A sua vida e experiência serviu sempre como um modelo a seguir.

À Tian Siyu, por ter sido a fonte de inspiração e motivação que me levou a querer prosseguir com o estudo da China e do chinês.

Ao meu amigo António Terra, por ser uma constante fonte de diversão, cuja ausência tornaria a vida muito mais enfadonha.

Ao meu amigo Mauro Marques, que para além de amigo também foi um mentor nesta fase académica.

Ao meu colega de casa David Afonso, por me ter emprestado alguns livros que se tornaram essenciais para a realização desta dissertação.

Aos meus colegas de casa Fátima Rei e Nelson Teixeira, por serem sempre uma companhia nos momentos de solidão.

A todos os restantes docentes, colegas e amigos que me acompanharam durante o meu percurso académico e sem os quais não teria alcançado o tão almejado resultado.

O meu sincero obrigado.

Resumo

A presente dissertação visa analisar e compreender a visão chinesa do autor português Wenceslau de Moraes, assim com a sua vida e as suas relações durante a sua permanência em Macau. Pretende-se enquadrar a situação da China e das relações bilaterais luso-chinesas no período em que o autor permaneceu em Macau e investigar de que modo é que esse enquadramento poderá ter sido determinante para a construção da sua imagem chinesa. Wenceslau de Moraes é sobretudo famoso pela contribuição que ofereceu ao leitor português sobre o que era o Japão do século XIX. A descrição oferecida a respeito da China ocupa um lugar menor, no entanto, não deixará de ser um interessante caso de estudo.

Palavras-Chave

Wenceslau de Moraes, China, Macau, Portugal, Japão

Abstract

This thesis aims to analyze and comprehend the Portuguese writer Wenceslau de Moraes's vision of china, as well as his life and relationships during the time he was living in Macao. It also aims to understand the Chinese situation and the bilateral Chinese-Portuguese relations where during the time he spent in Macao and research how those were decisive to construct his image of China. Wenceslau de Moraes is famous thanks to the contribution he has given to the Portuguese public about nineteenth century Japan. His contribution about China is lesser, but it also is an interesting case of study.

Keywords

Wenceslau de Moraes, China, Macao, Portugal, Japan

Índice

Agradecimentos.....	iii
Resumo	v
Abstract.....	vi
Índice.....	vii
Índice de Figuras	viii
Introdução	1
1. Contexto Histórico.....	3
1.1. A China na segunda metade do século XIX.....	3
1.2. Macau oitocentista	14
1.3. O estado das relações China-Portugal na segunda metade do século XIX	18
2. Wenceslau de Moraes	25
2.1. Alguns dados biográficos	26
2.2. A vida chinesa de Wenceslau de Moraes	31
2.3. A família chinesa de Wenceslau de Moraes.....	36
3. A Visão da China	41
3.1. O Feminino.....	42
3.1.1. As Tancareiras	42
3.1.2. As Half-castes.....	44
3.1.3. As Chinas.....	45
3.2. A sociedade	48
3.2.1. De Cantão e Macau	49
3.2.2. Costumes chineses.....	52
3.3. Os colonizadores estrangeiros.....	56
3.4. Notícias da guerra	59
4. Pontos de confluência e divergência entre a visão da China e a do Japão	62
Conclusão	66
Bibliografia.....	68
Sitografia.....	72

Índice de Figuras

Figura 1 - Barcos do ópio	6
Figura 2 - Mapa do plano de ataque a Cantão	9
Figura 3 - Foto da versão japonesa do Tratado de Shimonoseki	12
Figura 4 - Retrato dos conflitos entre as potências ocidentais e o Movimento dos Boxers	13
Figura 5 - Planta da Península de Macau	14
Figura 6 - Wenceslau de Moraes	25
Figura 7 - Planta esquemática da habitação de Wenceslau de Moraes em Tokushima ..	28
Figura 8 - Nota de 500 Patacas com a imagem de Wenceslau de Moraes	31
Figura 9 - Moraes (sentado) e Pessanha (em pé)	33
Figura 10 - José, João e Atchan	37
Figura 11 - Tancá-flor (embarcação grande) e tancás (embarcações pequenas)	43
Figura 12 - Lótus de Ouro	46
Figura 13 - À porta de Pyongyang, durante a guerra sino-japonesa	60
Figura 14 - Wenceslau de Moraes	66

Introdução

A China e o Japão, com as suas culturas seculares, são alvo de fascínio por parte dos povos ocidentais ao longo dos séculos, oferecendo especial deleite para quem os estuda. Ambos os países possuem uma história de longo curso, repleta de conflitos e de ocasiões de reconciliação, oferecendo especial interesse, ao longo desse tempo, as relações bilaterais entre a China e o Japão.

Durante o final do século XIX e início do século XX avultou a figura de um autor português que teve a oportunidade de viver nesses dois mundos, o japonês e o chinês, e de documentar as suas experiências: Wenceslau de Moraes (chinês: 慕拉士, *Mùlāshì*; japonês: ヴェンセスラウ・デ・モラエス, *Vensesurau de Moraesu*).

Moraes viveu tanto na China — em Macau, na altura parte do território português — como no Japão, em Kobe e posteriormente em Tokushima. O seu tipo de escrita-documentário, baseando-se no que viveu, oferece ao leitor numerosas referências ao quotidiano do século XIX. Com base nos seus escritos, transmitiu-se uma imagem daquilo que seria o Extremo Oriente diretamente, e antes de mais, para o país de onde o autor era natural: Portugal. O Japão, país que deslumbrou Wenceslau de Moraes desde a primeira vez que aí desembarcou, é detalhadamente retratado nas suas obras. O autor descreve delicadamente o quotidiano dos seus habitantes, assim como várias vertentes da sua cultura, tais como o culto do chá, o *Bon-odori* ou ainda várias lendas e contos xintoístas e budistas. Graças a estas obras, ficou famoso por Portugal e pelo Japão, onde ainda hoje é honrado pela sua contribuição para a divulgação do país, havendo em Tokushima uma rua com o seu nome, e achando-se a sua antiga residência transformada em casa-museu. No entanto, ao pesquisar sobre a vivência de Wenceslau de Moraes na China, surpreende o facto de haver pouquíssima informação acerca da sua permanência em Macau, comparando com a informação disponível acerca da sua vida no Japão — questão especialmente intrigante, porque o autor viveu um longo período de tempo em Macau, onde chegou a criar família. Foi também nesta terra que escreveu os seus primeiros dois livros: *Traços do Extremo Oriente* e *Dai-Nippon*, tendo descrito logo no primeiro variadíssimas facetas da vida na China e dos seus habitantes.

Com este trabalho pretende-se, pois, desvendar o lado chinês de Wenceslau de Moraes, tentando aclarar, contextualizar e dar mais relevância a alguns dos aspetos da sua

vivência na China, e sobretudo da imagem que o autor transmitiu da China do século XIX, e que terá sido determinante para moldar o olhar português sobre este país. O levantamento das referências à China e aos Chineses nas suas obras e na correspondência com os seus amigos e familiares, em alguns aspetos já iluminado em vários estudos sobre o autor, permitirá traçar um quadro mais nítido da sua vida na China e das suas relações com o meio envolvente, capaz de justificar e fazer luz sobre a imagem sínica por ele partilhada e transmitida. O aprofundamento concomitante do contexto histórico e geográfico, envolvendo a China, Macau e as relações sino-portuguesas da época em que o autor habitou um pequeno pedaço de terra adjacente ao Império do Meio, conferirá mais definição a essa imagem que o autor construiu e transmitiu deste país, das suas gentes e cultura. Por fim, observar-se-ão na sua obra os principais pontos de confluência e divergência entre essa visão e vivência da China e as do Japão, que têm sido mais amplamente estudadas.

1. Contexto Histórico

Para se analisar com sucesso uma situação, visão ou indivíduo é universalmente aceite que o contexto no qual se enquadra é um fator de elevada importância. Este contexto poderá influenciar positiva ou negativamente o objeto de análise, causando os mais variados tipos de reações.

O autor Wenceslau de Moraes foi, durante a sua vivência na China, sujeito a todo o contexto social e histórico da época. Este primeiro capítulo da dissertação será destinado à apresentação do contexto histórico da China, de Macau e das relações de Portugal com a China durante o século XIX, para um entendimento mais justo de como a visão que Moraes apresentou ao povo português da época foi moldada pelo local onde se encontrava, assim como pelas várias tensões que a China sofria durante um período em que o imperialismo reinava como doutrina das nações ocidentais.

Procurar-se-á, pois, abordar as questões de como seria a China do século XIX, quais as condições sociais da sua população, como seria a face diplomática que os líderes chineses apresentavam às nações estrangeiras e a Portugal e qual o papel que Macau teria neste contexto.

1.1. A China na segunda metade do século XIX

A China do século XIX era dominada por uma dinastia da etnia Manchu (满族, *Mǎnzú*), a dinastia Qing (清朝, *Qīngcháo*). Esta dinastia entrou no poder quando o antigo imperador da dinastia Ming (明朝, *Míngcháo*), na primavera de 1644, aquando da entrada dos rebeldes manchus em Pequim, se enforcou numa árvore (Haw, 2005: 171). A dinastia Qing governou o Império Celestial deste 1644 até à implementação da República da China, em 1912, tendo o reinado do imperador Qianlong (乾隆, *Qiánlóng*) sido o mais longo da história da China, entre 1736 e 1799.

No entanto, foi durante o reinado do imperador Qianlong que começaram a surgir indícios de que o império iria sofrer um declínio. Oficiais como He Shen (和珅, *Hé Shēn*),

um dos favoritos do imperador, encontravam-se envolvidos em corrupção; o governo imperial despendia grandes somas para realizar campanhas e combater rebeldes, conduzindo a dificuldades financeiras. Para infligir o golpe final, foi descoberto em meados do século XVIII pelos países europeus que havia uma grande procura de ópio na China, tendo os mesmos começado muito rapidamente a exportar a droga (Haw, 2005: 186).

O padre lazarista e sinólogo português Joaquim Afonso Gonçalves, que viveu em Macau precisamente nesses tempos, de 1812 a 1841, tendo ensinado Chinês, entre outras disciplinas, no Real Colégio de S. José, deixou notícia nas suas obras metalinguísticas do contrabando do ópio. Na gramática e manual para o ensino aprendizagem do chinês, a *Arte China* (Gonçalves, 1829), e já antes, num manuscrito que lhe é atribuído e que oferece grande proximidade com partes dessa obra, menciona, de entre as novidades publicadas nas gazetas, a da proibição imperial da venda do ópio (Barros e Ng Cen, 2014: 59; 302-303; cita-se a edição interpretativa, Barros e Ng Cen, 2017: 66; 241-242):

<p>Mas nas gazetas vem alguma coisa interessante? Não; somente diz que se premiaram alguns oficiais militares, despacharam muitos magistrados,</p> <p>o Príncipe casou-se e houveram em Pequim grandes festas; sentenciaram-se alguns cristãos;</p> <p>o Vice-rei de Cantão deu parte ao Imperador que os macaístas vendiam ópio; baixou um decreto proibindo-lhes vendê-lo,</p> <p>devendo prender-se e sentenciar-se em caso de desobediência às ordens Imperiais;</p>	<p>到氏報上有什么要緊的事么 tau ti pau xam ieu xê mo iau chin ti xê mo 沒有 单ヒ的說賞了几个武官 mei ieu tan tan ti xuo xam leau ki co u cuan 陞了許多文官 xam leau siu tuo uen cuan 皇太子娶親在北京狠鬧熱 hoam tai cê chiu chin çai pei chim hen nau jen 辦了幾個天主教 pan leau ki co tieñ chu kiau 廣東總督奏了皇上奧門人 cuam tum sum tu çau leau hoam xam nau men jen 賣鴉片降上諭禁止他們賣 mai ia pien chiam xam iù chin chê tañ mai 若他們不遵守皇上禁止 juo tâ men pu çun xau cuam xam chin chê 該當拿他們問罪 cai tam na tâ men uen çoi</p>
---	--

Na *Arte China* figura um excerto de diálogo no qual se dá conta dos produtos produzidos e exportados por cada localidade chinesa, e em que se faz referência ao contrabando do ópio como algo de que não se fala abertamente (Barros, 2014: 117):

Você donde he? Eu sou oriundo de Xansi; porém ha mais de dez annos, que ando por fora a negociar.	你納貴處。我原是陝 ^{xan} 西人 到底有十幾年在外頭作買賣
Em que negocea?	作什麼生意
Negoceo conforme a terra, onde vou.	走什麼地方就作什麼買賣
Peço por favor me conte miudamente, qual he o comércio de cada terra, para saber, o que cada huma produz.	還要煩你納給我細 ¹ 的 講各地方的生意要知道 各地方出什麼貨物
Cantão exporta <i>entena</i> , pao amarello (buxo) e prêto: Coamsi produz trigo, arroz, milho miudo, e toda a qualidade de louça: de Junnan sahe prata, e ouro.	廣東出杉 ^{xan} 木、黃烏木 廣西出麥米穀 ^{ai} 子各樣的瓷 ⁽⁶⁾ 器 雲南出銀子金子
Donde vem o <i>ninho de pássaro</i> ?	燕窩從那裡來的呢
He coisa marítima, que vem nos navios.	是海裡頭船上來的
E o ópio?	鴉片呢。
Parece, que queres sacar de mim, se eu faço este contrabando, não he assim?	看起來你要盤問 我販賣這一種私貨、不是
Nem tal me vinha à cabeça: que exporta Nankim?	一點也沒有這個意思。江南出

O desenvolvimento rápido do comércio do ópio suscitou uma larga preocupação às autoridades chinesas. Com o objetivo de erradicar esse comércio da China, o governo de Pequim (北京, *Běijīng*), no início de 1839, enviou Lin Zexu (林则徐, *Lín Zéxú*), um dirigente mandarim capaz, para resolver o problema em Cantão (廣州, *Guǎngzhōu*)¹ (Kissinger, 2011: 64). Lin tratou da questão usando um misto de persuasão e de força. Exigiu que as missões comerciais ocidentais entregassem o ópio para ser destruído e, quando isso falhou, bloqueou os mercadores estrangeiros numa zona comercial até que eles entregassem todo o seu contrabando, ou seja, colocou-os em prisão domiciliar. Só passadas sete semanas é que esta comunidade foi autorizada a ir para Macau (澳門, *Àomén*) (Roberts, 2011: 195). Para os ingleses, a atitude de Lin foi entendida como um insulto e, por isso mesmo, os mesmos exigiram compensações. O conflito eclodiu em

¹ Cantão era o único porto onde os estrangeiros estavam autorizados a comercializar com a China, à exceção de portugueses e espanhóis, que tinham autorização para praticar o comércio a partir de Macau.

Novembro de 1839, começando assim a Primeira Guerra do Ópio (第一次鸦片战争, *Dì yī cì yāpiàn zhànzhēng*).



Figura 1 - Barcos do ópio²

A primeira Guerra do Ópio durou três anos, de 1839 a 1842, tendo-se encerrado com o Tratado de Nanquim. Com este tratado, foi concedida aos ingleses a ilha de Hong Kong, assim como o melhoramento de estruturas de comércio, a abertura dos portos chineses de Cantão, Fuzhou (福州, *Fúzhōu*), Xiamen (厦门, *Xiàmén*), Ningbo (宁波, *Níngbō*) e Xangai⁵ (上海, *Shànghǎi*), e ainda uma indemnização (Haw, 2005: 189). Este tratado teve um forte impacto, levando outras potências ocidentais, como a norte-americana e a francesa, à luz dos ingleses, a assinar vários tratados desfavoráveis para a China, nos quais figurava sempre uma cláusula de “Nação mais Favorecida” que estipulava que qualquer concessão feita pela China a outro país também teria que ser feita ao signatário (Kissinger, 2011: 73).

No entanto, o ópio não foi a verdadeira causa da guerra, pois no tratado de Nanquim o produto não era mencionado (Haw, 2005: 189). Charles Hucker refere-se a esse aspeto do seguinte modo (Hucker, 1975: 384):

²http://www.europeana.eu/portal/en/record/2022362/_Royal_Museums_Greenwich_http_collections_rmg_co_uk_collections_objects_150180.html Consultado a 28 de maio de 2017.

⁵ Desmantelando assim o “Sistema de Cantão” que a corte chinesa usava para regularizar o comércio estrangeiro.

Infelizmente para a China, a alteração de padrões de julgamento ocidentais sobre a China coincidiu com o verdadeiro declínio e estagnação de muitos aspetos da vida chinesa entre o século XVII e o século XIX. O conservadorismo intelectual foi um fator tão importante quanto a deterioração política, militar e tecnológica, tornando a China tardia dos Qing mal preparada para lidar com os desafios gerados pelos Oeste dinâmico do século XIX.⁶ (TdA.)

A atitude das autoridades chinesas incluía, logo à partida, alguns fatores de perturbação das relações com as nações ocidentais. Estas, por exemplo, nunca aceitariam a reivindicação do imperador chinês de governar tudo o que estivesse debaixo do céu (天下, *tiānxià*) e exigiram, desde logo, que fossem estabelecidas relações baseadas na igualdade, bem como o direito de comercializar em condições que achassem razoáveis. Por outro lado, a corte manchu demonstrava-se muito ignorante quanto às condições que existiam no Ocidente (Haw, 2005: 189).

A primeira Guerra do Ópio pode ser entendida como o primeiro sinal claro do declínio da China imperial, o início de “uma era de humilhação e de adaptação penosa a um mundo no qual a civilização chinesa não poderia mais considerar-se o centro da cultura mundial” (Haw, 2005: 190).

O período entre 1850 e 1873 foi marcado por uma série de revoltas internas e conflitos com o ocidente. A maior revolta foi a revolta Taiping⁷ (太平, *Tàipíng*), entre 1850 e 1864, liderada por Hong Xiuquan (洪秀全, *Hóngxiùquán*), um candidato que chumbou nos exames imperiais, o qual se converteu ao cristianismo, após ter tido visões onde ascendia ao céu cristão (Kuhn, 1978: 268). Hong Xiuquan defendia a criação de um Reino de Eterna e Celestial Paz (太平天国, *Tàipíng tiān guó*), com a capital em Nanquim. Esta revolta criou um imenso movimento revolucionário, xenófobo e anti manchu, sendo o custo humano desta revolta estimado em cerca de vinte milhões de vítimas (“Taiping Rebellion,” 1993: 509).

⁶ “Unfortunately for China, the West’s changing standards of judgement about China coincided with real decline and stagnation in many aspects of Chinese life between the seventeenth and nineteenth centuries. And intellectual conservatism was as important a factor as political, military, and technological deterioration in making late Ch’ing China ill-prepared to cope with the challenges generated by the dynamically expanding West in the 1800’s.”

⁷ Para além desta revolta houve também a revolta Nian (1851 – 1868) e as revoltas muçulmanas (1855 – 1873 e 1862 – 1878) (Cabral, 2013: 244; Haw, 2005: 198).

A Revolta Taiping pode explicar-se, em grande parte, por razões ideológicas e sociais. Esta foi sustentada não só por uma descrença, subversiva nos valores tradicionais chineses como pela crença numa redenção através de um número escolhido de pessoas (Kuhn, 1978: 316). Por onde passavam, os revoltosos destruíam templos e imagens religiosas, proibindo que fossem oferecidos os tradicionais sacrifícios aos antepassados. Aclamavam também os Dez Mandamentos, o igualitarismo e a abstinência nos mesmos moldes que os missionários protestantes cristãos (Haw, 2005: 194).

A revolta conseguiu abalar a dinastia Qing, mas não a conseguiu destronar. Em 1856, após algumas vitórias contra as autoridades chinesas, o Reino de Eterna e Celestial Paz viveu um conflito interno que resultou na morte de alguns líderes influentes. Hong Xiuquan, com a morte destes seus companheiros, acaba por nomear os irmãos para liderarem o seu governo (Kuhn, 1978: 295). Acredita-se que a razão principal para o fracasso da revolta Taiping tenha sido a sua liderança. O fanatismo desta revolta também causou grande repúdio entre os chineses das classes mais elevadas, chocados com as destruições de templos e a antipatia perante a moralidade confuciana (Haw, 2005: 197).

Em 1856, o caso da embarcação *Arrow* tornou-se a *casus belli* para a Segunda Guerra do Ópio (第二次鴉片战争, *Dì èr cì yāpiàn zhànzhēng*), uma segunda grande humilhação da China. A embarcação em causa, embora tivesse um dono chinês, um residente em Hong Kong, e uma tripulação da mesma nacionalidade, tinha um mestre britânico, Thomas Kennedy. O navio, ostentando bandeira inglesa, foi capturado pelas autoridades chinesas, sob a acusação de que estaria envolvido em pirataria e a sua tripulação detida. As autoridades inglesas entenderam, de imediato, esta ação como um insulto, exigindo ao comissário imperial Ye Mingchen (叶名琛, *Yè Míngchēn*) negociações, as quais este recusou.

As ações das autoridades chinesas foram discutidas em 1857 no parlamento inglês e, então, foi decidido que era necessário tomar medidas mais drásticas relativamente à China. Durante esse período, a França aliou-se ao Reino Unido, sob o pretexto de uma reparação pelo assassinato de um missionário (Liu & Smith, 1978: 246).

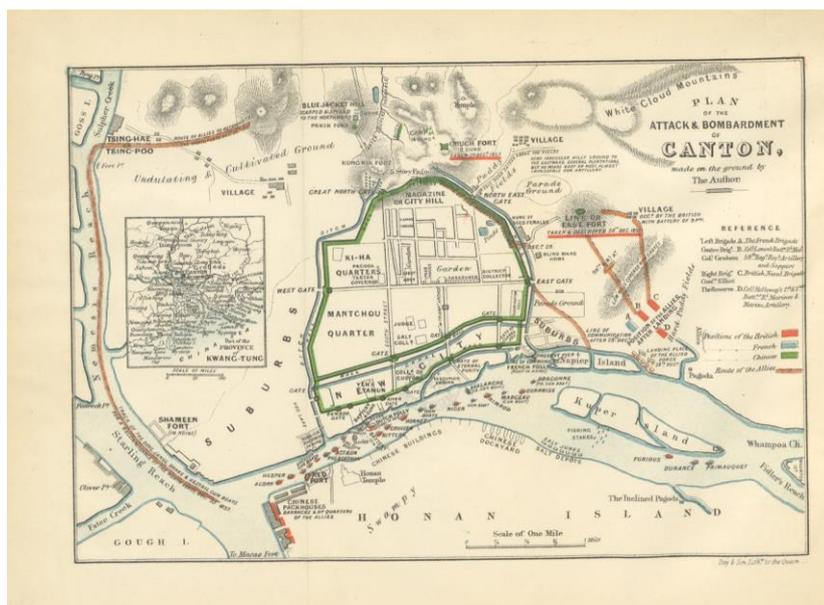


Figura 2 - Mapa do plano de ataque a Cantão⁸

Esta guerra resultou, em 1860, no saque do Palácio Imperial de Verão Yuan Ming Yuan (圆明园, *Yuán míng yuán*), mandado construir pelo imperador Qianlong, e levou à obrigação por parte da dinastia Qing de aceitar novos tratados, os quais ditavam que a península em frente a Hong Kong seria concedida ao Reino Unido, o porto de Tianjin (天津, *Tiānjīn*) seria aberto ao comércio estrangeiro e que seriam pagas indenizações a este país e à França.

Após a Segunda Guerra do Ópio, começa a ser visível, por parte das autoridades chinesas, um esforço para superar algumas das fragilidades identificadas no relacionamento com as nações ocidentais (洋务运动, *Yángwù yùndòng*). Em 1861 foi criado o “Gabinete de Administração Geral dos Assuntos de Todas as Nações” (总理各国事务衙门, *Zǒnglǐ gèguó shìwù yámén*), vulgarmente chamado Zongli Yamen (总理衙门, *Zǒnglǐ yámén*), para coordenar as relações com as potências estrangeiras. Para além disso, foram criadas várias escolas de línguas em Pequim, Xangai, Cantão e Fuzhou, assim como várias fábricas de armamento que utilizavam tecnologias ocidentais (Kissinger, 2011: 89; Roberts, 2011: 214).

Entre 1873 e 1894, a China viveu um período de relativa paz, perturbada apenas por uma guerra com a França, em 1884, por questões relativas ao Vietname, a qual França

⁸http://www.europeana.eu/portal/pt/record/9200387/BibliographicResource_3000117246389.html?q=opium+war Consultado a 28 de maio de 2017.

venceu (Liu & Smith, 1978: 251). Durante este período, Li Hongzhang (李鴻章, *Lǐ Hóngzhāng*), governador de Zhili (直隸, *Zhí lì*), tratou de reforçar a capacidade militar chinesa, designadamente o seu exército, tal como renovou a marinha chinesa, adquirindo navios de guerra modernos e fundando uma academia naval (Liu & Smith, 1978: 243 - 247).

A Coreia era o país com que a China mantinha a relação tributária mais importante. Este país tinha adotado uma política de isolamento, assim como o Japão tinha mantido até ser ameaçado pelos Estados Unidos da América em 1853, pelo comodoro Mathew Perry. O Japão, desde a sua modernização que mostrava ânsia por ocupar um lugar junto das grandes potências ocidentais, enquanto a China via o Japão como uma potencial ameaça. Zongli Yamen começou a pressionar a Coreia para adotar uma política de abertura, aconselhando-a a abrir voluntariamente os seus portos (Henshall, 2004: 67; Roberts, 2011: 219). Li Hongzhang, sendo um estadista e diplomata chinês influente, escreveu em 1879 a um oficial da corte coreana, advertindo-o da política coreana e da ameaça japonesa e aconselhando-o a procurar aliados ocidentais:

Conte-me da relação do seu governo com o Japão. (...) É política sábia esconder dos Japoneses aquilo que se sabe, considerando a sua falta de sinceridade: devemos estar de guarda, evitando todos os tópicos de disputa e assim preservar as relações amigáveis. (...) Pode achar que a maneira mais simples de evitar problemas é fechar-se e ficar em paz. Porém, no que diz respeito ao Oriente isso é impossível. Não há ação humana que consiga parar o movimento expansionista japonês: foi ou não o seu governo obrigado a inaugurar uma nova era ao fazer um Tratado de Comércio com eles? Como as coisas estão, portanto, não será o melhor caminho neutralizar um veneno com outro, colocar uma energia contra a outra? Deve aproveitar todas as oportunidades de estabelecer relações e tratados com as nações ocidentais, as quais usaria para colocar o Japão na linha.¹⁰ (TdA.)

10 “You tell me of the relations of your Government with Japan. (...) It is wise policy to conceal from the Japanese what we know concerning their lack of sincerity: we should be on our guard, avoid all subjects of dispute, and thus preserving friendly relations. (...) You may say that the simplest way to avoid trouble would be to shut oneself in and be at peace. Alas, as far as the East is concerned, this is not possible. There is no human agency capable of putting a stop to the expansionist movement of Japan: has not your Government been compelled to inaugurate a new era by making a Treaty of Commerce with them? As matters stand, therefore, is not our best course to neutralize one poison by another, to set one energy against another? You should seize every opportunity to establish treaty relations with Western nations, of which you would make use to check Japan.” (Bland, 1917: 160)

Tanto o Japão como a China reivindicavam uma relação especial com a Coreia. Apesar das advertências da China sobre o Japão, este país continuou a estar envolvido na política coreana. Em 1894, a pedido do rei coreano, forças militares foram enviadas da China para controlar uma rebelião. O Japão viu aqui um pretexto para enviar forças militares para a Coreia. A rebelião foi rapidamente suprimida, porém, ambas as partes se recusaram a retirar os seus exércitos. Quando a marinha japonesa afundou um navio de transporte chinês, a guerra entre a China e o Japão tornou-se inevitável. Assim começou a Primeira Guerra Sino-japonesa (chinês: 甲午战争, *Jiǎwǔ zhànzhēng*; japonês: 日清戦争, *Nisshin sensou*), declarada oficialmente no dia 1 de agosto de 1894.

À data em que esta guerra começou, Wenceslau de Moraes já se encontrava presente no Extremo Oriente. O autor comenta os acontecimentos da guerra, e oferece ainda previsões para o que esta implicará no futuro, no seu livro *Traços do Extremo Oriente*. Veja-se o subcapítulo 3.4 Notícias da Guerra.

Apesar de haver grandes expectativas de a China vencer, o conflito sino-japonês foi desequilibrado. Os japoneses provaram ser superiores tanto em terra como no mar, sendo as forças terrestres chinesas derrotadas em Pyongyang e as marítimas na foz do rio Yalu (鸭绿江, *Yālùjiāng*). O elemento mais decisivo para a vitória japonesa foi a sua superioridade naval, que tinha por base o modelo britânico. Esta derrota expôs os chineses a uma grande humilhação, revelando as limitações do esforço de modernização empreendido recentemente. A China foi obrigada a aceitar o tratado de Shimonoseki (chinês: 马关条约, *Mǎguān tiáoyuē*; japonês: 下関条約, *Shimonoseki jōyaku*), no qual reconhecia a independência da Coreia e cedia territórios ao Japão, inclusive Taiwan (台湾, *Táiwān*). Para além disso, o Japão também obteve direitos de poder criar indústria nos portos abrangidos pelos tratados, direitos esses que passaram também para as outras nações ocidentais, ao abrigo do princípio de nação mais favorecida (Henshall, 2004: 92; Roberts, 2011: 220).

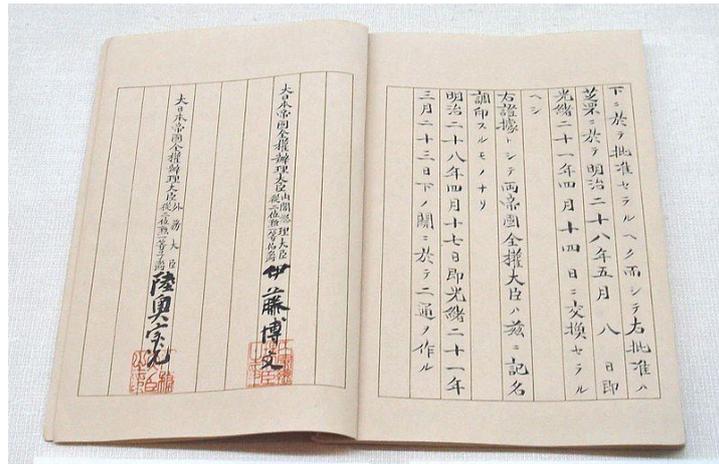


Figura 3 - Foto da versão japonesa do Tratado de Shimonoseki¹²

A guerra teve sérias repercussões na China imperial. A derrota sustentou grandes sentimentos nacionalistas por parte do povo chinês, sentimentos esses que não se acentuaram tão profundamente aquando das guerras contra as potências ocidentais, pois desta vez tinham sido derrotados por um povo vizinho, que era habitualmente desprezado e considerado bárbaro (Haw, 2005: 205). As potências ocidentais tornaram-se mais audazes na sua relação com a China, com a Rússia a construir linhas ferroviárias na Manchúria, e a Alemanha, França e Reino Unido a obterem concessões que também foram acompanhadas por um rápido aumento de investimento estrangeiro na China (Roberts, 2011: 220).

No final do século XIX, a China encontrava-se no caos. A corte de Pequim já não era suficientemente forte para assegurar a proteção da cultura e da autonomia chinesas. A população, perante os vários confrontos com as potências ocidentais e o Japão, encontrava-se descontente e frustrada, tendo-se rebelado em 1898, no ano em que Wenceslau de Moraes partiu definitivamente de Macau, rumo à vida no Japão, sob a forma da Revolta dos Boxers (também denominada Movimento Yihetuan) (义和团运动, *Yihétuán yùndòng*).

Os *boxers* praticavam artes marciais tradicionais e sustentavam que tinham imunidade às balas estrangeiras. Todo o sentimento xenófobo eclodiu numa campanha violenta contra todos os estrangeiros e os símbolos que lhes impunham. Em 1900 cercaram as embaixadas estrangeiras em Pequim, fazendo com que a China entrasse em

¹²https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/e/e4/Japan_China_Peace_Treaty_17_April_1895.jpg/800px-Japan_China_Peace_Treaty_17_April_1895.jpg Consultado a 15 de Março de 2017.

guerra aberta contra todas as potências estrangeiras, simultaneamente. Em consequência, uma força aliada de oito potências (França, Reino Unido, Estados Unidos da América, Japão, Rússia, Alemanha, Áustria-Hungria e Itália) chegou em agosto do mesmo ano a Pequim para libertar as embaixadas e derrotar as forças *boxers* e as forças Qing aliadas. Esta revolta resultou em mais um tratado desigual, que impunha indenizações em dinheiro e a concessão de mais direitos de ocupação às forças estrangeiras (Kissinger, 2011: 105).



Figura 4 - Retrato dos conflitos entre as potências ocidentais e o Movimento dos Boxers¹⁴

O século XIX na China ficou marcado por vários confrontos com as potências estrangeiras, em que o país se viu humilhado pelo Ocidente e pelo Japão. A China mostrou um declínio do seu prestígio e da sua força, e o seu governo foi incapaz de se adaptar rapidamente às novas tecnologias e táticas estrangeiras. Vários conflitos internos mostravam a fraqueza dos Qing e da sua corte.

Apesar de haver facções que apoiavam o movimento de mudança e defendiam reformas para renovar a China, estas não foram suficientes. A China ficou enfraquecida e sujeita ao imperialismo estrangeiro. Bastou passarem doze anos do século XX para que a dinastia Qing caísse e uma nova era da história chinesa começasse.

¹⁴ http://www.europeana.eu/portal/en/record/2064108/Museu_ProvidedCHO_Museum_Europ_ischer_Kulturen_Staatliche_Museen_zu_Berlin_995077.html?q=boxers Consultado a 28 de maio de 2017.

1.2. Macau oitocentista

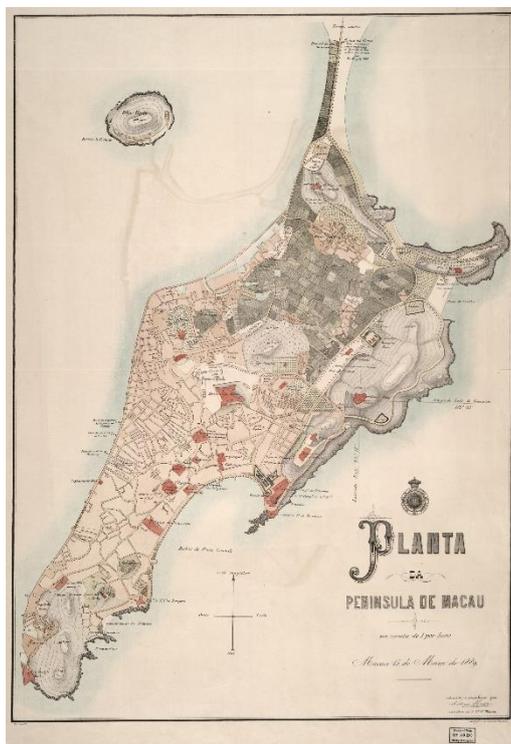


Figura 5 - Planta da Península de Macau¹⁵

Com três séculos de história, Macau do século XIX apresentava-se como um local onde a cultura chinesa e europeia se aproximavam e conviviam. Como alicerce da cidade, encontravam-se três grupos de população diferentes. O maior grupo era composto pelos chineses, o segundo grupo pelos europeus e o restante pelos macaenses, de origem híbrida (Oliveira, 2000: 315). Os chineses distinguiam-se pelo seu penteado, um rabicho de cavalo (no caso dos homens), e pelas suas vestes hierarquizadas consoante a sua riqueza. As mulheres de classes mais ricas também eram facilmente identificadas pelos seus *lírrios dourados*¹⁶ (Oliveira, 2000: 385). Os europeus em Macau adotavam uma aparência semelhante à dos seus conterrâneos no país de origem; a moda ditava o vestuário, sobrepondo-se a um clima e ambiente diferentes dos europeus (Oliveira, 2000: 389). Os macaenses distinguiam-se pela sua fisionomia racial múltipla, pela tentativa de copiar os

¹⁵ https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/9f/Macau_1889.jpg Consultado a 16 de Março de 2017.

¹⁶ Também conhecidos como Pés de Lótus (纏足, *Chánzú*), corresponderam a uma prática popularizada durante a dinastia Song (宋朝, *Sòngcháo*) (960 – 1279) e que perdurou até ao século XX; consistia em enfaixar os pés das mulheres para promover a sua beleza. Este enfaixamento era inicialmente associado às bailarinas, sendo depois generalizado às restantes mulheres (Roberts, 2011: 130).

modelos europeus no exterior e por, em ambiente íntimo, adotarem hábitos chineses. As macaenses eram pequenas, magras e de cabelos pretos. Apesar de não corresponderem ao padrão de beleza europeu da época, que dava ênfase à formosura e à pele clara, eram consideradas encantadoras e eram especialmente elogiadas pelos seus pés e mãos pequenos (Oliveira, 2000: 392). A população de Macau no início do século rondava os 18000 habitantes. No final do século, segundo o recenseamento de 1896, na população macaense encontravam-se 74580 habitantes de origem chinesa, 3106 macaenses, 615 elementos de origem portuguesa, 477 com origem nas colónias portuguesas e 161 de origem estrangeira, totalizando 78939 habitantes (Oliveira, 2000: 316).

Os chineses, macaenses e estrangeiros, devido às tendências segregacionistas, nem sempre habitavam e conviviam proximamente, apesar de a tendência no século XIX ser, graças às limitações de espaço, menos visível. Assim o refere João Carlos Oliveira (Oliveira, 2000: 320):

Dado o seu espaço limitado, e fruto do desenvolvimento demográfico, Macau foi progressivamente perdendo a divisão rígida entre a cidade chinesa e cidade cristã. Mas se no século XIX não se encontravam já zonas de residência e de vivência exclusivas de cada uma das etnias, o certo é que essa divisão, fruto das tendências segregacionistas dos vários grupos que compõem a população de Macau, deixava ainda as suas marcas na cidade, tanto arquitectónica como etnicamente.

A cidade cristã apresentava uma fisionomia quase europeia, com igrejas, calçada à portuguesa, casas de granito e pelourinho, enquanto a cidade chinesa se revelava cheia de becos e ruas estreitas, e com casas de tijolo cinzento. As condições urbanísticas e higiénicas da cidade cristã eram superiores às da cidade chinesa. Como quase todas as cidades chinesas da época, os bairros chineses de Macau tinham problemas de higiene. Porém, o estado sanitário de Macau não era visto como preocupante, considerando outras cidades portuárias chinesas de densidade populacional semelhante (Oliveira, 2000: 334).

A língua também era um fator que aprofundava mais a distinção dos três grupos populacionais. Os portugueses, habitualmente, não aprendiam a falar chinês, nem os chineses falavam o português. No meio destes, os macaenses, filhos da terra, criaram um dialeto original, aprofundando o distanciamento cultural da pátria portuguesa. Este dialeto

foi ridicularizado e desacreditado durante o século XIX, não sendo ainda reconhecido como uma língua nova, um crioulo, mas apenas visto como português mal falado (Oliveira, 2000: 405). Numa carta escrita ao seu pai em 1894, Camilo Pessanha ilustra esse desdém por este dialeto (Pessanha, 1894): “...porque fala nhom¹⁷, uma coisa que aqui se fala e que é a língua de preto”.

Sendo um território muito limitado, o sector primário da economia não conseguiu florescer em Macau. Os bens de primeira necessidade chegavam sobretudo através das terras chinesas até à Cidade do Nome de Deus (Oliveira, 2000: 373). Macau era essencialmente um entreposto de chá e um exportador de cules (Gunn, 1999: 103).

Até meados do século XIX o tráfico de cules não se encontrava regulamentado, sendo o governo português localmente e internacionalmente pressionado para o regularizar. Entre 1853 e 1856 foram tomadas medidas, culminando na abolição da escravatura em Macau e nas suas dependências. Apesar destas medidas, houve infrações ao sistema que continuaram a persistir, de tal forma que o governador de Macau, António de Sérgio Souza, após um relatório de uma comissão de inquérito sobre o modo de funcionamento da emigração de cules em 1871, adotou medidas que conduziram a uma lei promulgada em 1872 pelo governador seguinte, que “afirmava a liberdade de emigração garantida por estritas condições contratuais e de trabalho” (Gunn, 1999: 105).

Macau no século XIX era um importante entreposto que comercializava o chá entre a Europa e a China, originando grande lucro para a Cidade do Nome de Deus, tal como refere Geoffrey C. Gunn no livro intitulado *Ao Encontro de Macau* (Gunn, 1999: 107):

Nos anos 80 Macau albergava cerca de quinze fábricas de chá onde este, importado da China, era processado para consumo europeu. (...) Não só esta indústria gerava emprego como os resultados financeiros eram consideráveis. (...) Escusado será dizer que o governo de Macau auferia avultadas receitas destas fábricas em taxas de licenciamento.

Outras duas fontes de lucro macaense que surgiram após ter sido iniciada a prática da concessão de vendas de bens em regime de exclusividade, na segunda metade do

¹⁷ Dialeto macaense, crioulo.

século XIX, foram o ópio e o jogo. Fernando Figueiredo refere-se-lhes do seguinte modo (Figueiredo, 2000: 51):

Em 1867, o governador José Maria da Ponte e Horta dava conta do bom resultado desse processo ao secretário de Estado da Marinha e Ultramar em termos entusiastas, a propósito da arrematação do *Fantan*¹⁸ e do ópio cozido. Recordava-lhe que os exclusivos constituíam a parte principal do imposto directo e, por isso, havia sempre muita apreensão quanto ao desfecho da sua adjudicação. Sendo o *Fantan* responsável pela receita directa mais importante e havendo presentemente sido licenciadas em Hong Kong várias modalidades de jogo, os preços tinham excedido as expectativas, pelo que havia toda a razão para estar optimista.

A comercialização de ópio encontrava-se bem regulamentada na segunda metade do século XIX, estando garantida uma exclusividade que concedia à administração macaense uma receita lucrativa. Também a concessão de exclusivos para a exploração de vários jogos de azar em Macau dava ao governo uma boa fonte de receitas e uma atração turística para a cidade, pois estes jogos encontravam-se proibidos em toda a China (Oliveira, 2000: 434).

Esta fonte de receita fez com que a situação financeira de Macau crescesse desde 1850, levando a um melhoramento de condições, implementado pelo governador José Coelho de Amaral: os bairros chineses degradados tornaram-se limpos e ordenados; as ruas mal pavimentadas foram reparadas e iluminadas; as muralhas e portas da cidade demolidas e o espaço rural adaptado à necessidade de expandir o espaço urbano na direção da Porta do Cerco. Em 1864 foi também erguido o Farol da Guia, o primeiro farol na China. Graças a estes melhoramentos, Macau impressionava frequentemente os estrangeiros pela sua limpeza (Figueiredo, 2000: 70).

Apesar do surgimento de Hong Kong e das várias revoltas na China, Macau conseguiu sobreviver, tendo a sua economia flutuado do tráfico de cules e de chá para o jogo e o ópio, atraindo assim os ociosos e aqueles que fugiam do grande dragão chinês em busca de divertimento.

¹⁸ Tipo de jogo chinês.

Macau oitocentista foi, sem dúvida, uma cidade heterogénea onde, apesar de as diferenças serem menos notadas do que durante os séculos anteriores, as características de cada grupo se encontravam bem preservadas, principalmente graças ao isolamento de cada uma das culturas e exclusão dos indivíduos que lhes eram externos. Apesar de a maioria da população de Macau ser de origem chinesa, os europeus eram aqueles que se encontravam à frente do governo. Das relações entre estes dois grupos surge um terceiro, os macaenses, os *filhos da terra*, que tentam apresentar uma imagem civilizada consoante a imagem europeia da época, no entanto, sendo desprezados pelos europeus. Os macaenses, por seu lado, também tentavam desvalorizar os portugueses, contra-atacando na sua cultura popular (Oliveira, 2000: 445). Enquanto no quotidiano dos habitantes esta luta pesava, para os visitantes Macau avultava sobretudo como um local de tolerância. Assim o refere João Carlos Oliveira: “Para estes, Macau era um oásis de tolerância e o exemplo de integração a seguir pelas outras potências colonizadoras” (Oliveira, 2000: 446).

1.3. O estado das relações China-Portugal na segunda metade do século XIX

Desde 1557 que os portugueses se estabeleceram em Macau, com a permissão das autoridades chinesas. Esta cidade era uma base de comércio, a única em território litoral do Sul da China onde o comércio ocidental era permitido. Contudo, depois dessa época áurea, a prosperidade e importância de Macau decaiu, designadamente depois de, em 1707, o papa ter condenado os “ritos chineses”, o que levou ao fim da influência dos jesuítas na China, tal como à proibição do catolicismo no Império do Meio. Aliás, tal mudança foi acompanhada, a partir dos finais do século XVIII, por uma evolução científica e filosófica na Europa, a qual incluiu um processo de laicização que acompanhou a expansão de outros países europeus no Oriente (Guimarães, 2000: 14).

Em 1839, com o desencadear da Primeira Guerra do Ópio, Macau era quase como que o local onde se desenrolavam os negócios britânicos na China. A perda do tráfico de ópio para a potência britânica abalou fortemente a influência macaense. Macau já não tinha o mesmo poder de que usufruía até há alguns séculos atrás (Guimarães, 2000: 52).

Com o decorrer da guerra sino-britânica, Macau e o seu senado mostravam preocupações sobre como agir com os britânicos e os chineses. No *Termo do Conselho Geral acerca das Forças Britânicas nestes mares, e &.*^a esta preocupação está bem descrita (Aresta & Oliveira, 1998: 393):

Anuo do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de 1840 (...) o mesmo Leal Senado julgou dever apresentar a consideração do mesmo Conselho Geral, que são as seguintes. = 1.º = Se os Chinas debaixo do pretexto de se dezafrontarem do facto de hontem entre os Inglezes, e Chinas, alem da barreira, e por isso fora do nosso districto, ou de quererem assegurar Macáo, ou por qualquer outro pretexto, pertendem meter tropas na Cidade, que se deve fazer?

2.º = Se os Inglezes debaixo de qualquer pretexto, sem nossa requisição, quiserem meter seus navios dentro do Porto, ou suas forças dentro da Cidade, que se deve fazer?

3.º Se em consequencia do mesmo facto vierem avizos dos Mandarins para fazermos retirar os Inglezes, com cõminação de se feixar o Bazar &.^a, e fizerem retirar os servidores, qual o comportamento, a seguir-se neste cazo.

4.º = Como está vencido em os tres quizitos acima, que vota a neutralidade por qualquer das partes Beligerantes, he do rigoroso dever da Governança, e mais habitantes de Macáo para conservar deffeza a sua honra, e a Nacional recorrer as armas, se estão, ou não todos dispostos para reunir-se ao Governador para a deffeza de tão caros objectos.

Em 1842 a ilha de Hong Kong foi cedida às forças britânicas, agravando a situação de Macau. As autoridades macaenses perceberam o significado desta fixação. Logo após a ratificação do tratado, tentaram obter algumas vantagens também para si, com o pretexto de que o tratado era uma injustiça e afronta para Macau (Figueiredo, 2000: 38). Em 29 de Julho de 1843, o governador de Macau, Gregório Pegado, o juiz José Rodrigues de Bastos e o Senado dirigiram um documento com nove petições ao comissário imperial Qi Ying (耆英, *Qí yīng*), onde sucintamente pediam o seguinte:

- ❖ O cessar do pagamento de tributo à dinastia chinesa, ou seja, o “foro do chão”¹⁹, e o reconhecimento do território macaense como direito português;
- ❖ Igualdade mútua na correspondência entre os funcionários do Império Português e do Chinês;
- ❖ Redução de direitos de ancoragem para os navios portugueses;
- ❖ Redução dos impostos imperiais para a exportação, de modo a atrair maior comércio vindo da China e a desenvolver a navegação portuguesa;
- ❖ Direito de todas as nações poderem comercializar em Macau;
- ❖ Levantamento de todas as restrições para a construção e reconstrução de casas e para a reparação de navios;
- ❖ Direito de os portugueses frequentarem os portos que tinham sido concedidos aos ingleses;
- ❖ Facilitação da exportação para Macau, sem ter que passar obrigatoriamente por Cantão;
- ❖ Adoção imediata das propostas acima referidas (Figueiredo, 2000: 39; Wu, 1999: 181).

No entanto, apesar de o comissário imperial ter apresentado vários memoriais ao trono chinês, levando em consideração as circunstâncias portuguesas, poucas concessões foram feitas:

- ❖ A correspondência podia ser feita em igualdade apenas com os mandarins distritais;
- ❖ Abatimento nos direitos de tonelagem dos 25 navios registados em Macau;
- ❖ Os portos abertos aos ingleses também se encontrariam abertos aos portugueses;
- ❖ As restrições para a construção e reconstrução de casas e de reparação de navios foram levantadas;
- ❖ As lorchas portuguesas com licença apenas tinham que pagar em Cantão os mesmos direitos que navios de carga (Figueiredo, 2000: 40).

¹⁹ O “foro do chão” é considerado por muitos estudiosos o símbolo de que Portugal não detinha a verdadeira soberania sobre Macau.

Em 1846 chegou a Macau o governador Ferreira do Amaral, com a responsabilidade de cimentar a soberania de Portugal no território e de tornar a cidade próspera. Depois da transformação do porto de Macau em porto-franco em 1845, o imposto alfandegário foi abolido, resultando numa nova procura de receitas para as despesas da administração da Cidade do Nome de Deus. Como consequência, Ferreira de Amaral lança um imposto sobre os bens de raiz e ainda outro sobre os barcos chineses de travessia, originando mal-estar e tumultos de contestação por parte da população chinesa.

Para além de novos impostos, o governador de Macau tomou várias medidas que conduziram a um fim drástico: o seu assassinato. Construiu estradas sobre os túmulos chineses situados entre a Porta da Cidade e a do Cerco, ignorando as tradições chinesas; aboliu o “foro do chão”, o tributo dado à China para arrendar Macau; aboliu as alfândegas chinesas até à data existentes em Macau; dissolveu o Leal Senado de Macau, acusando os seus membros de falta de patriotismo; impôs fiscalidade aos habitantes de aquém da Porta do Cerco e expulsou os mandarins. Com estas medidas, Ferreira do Amaral conseguiu reduzir largamente a corrupção e os abusos de Macau, no entanto, às custas das autoridades chinesas. Nem os ingleses nem os chineses contemplavam o fortalecimento de Macau como algo benéfico, sendo o seu governador indesejável tanto em Hong Kong como em Cantão. O resultado tomou a forma de assassinato do governador Ferreira do Amaral em agosto de 1849, quando este dava um passeio a cavalo (Figueiredo, 2000: 44).

Embora Portugal tenha conseguido a soberania de Macau por força das medidas de Ferreira do Amaral, carecia ainda do reconhecimento chinês, fazendo com que em meados do século XIX os portugueses ainda não conseguissem exercer com eficácia os seus direitos de soberania. O facto de que no porto de Macau se tenha aplicado a franquia fez com que a Cidade do Nome de Deus perdesse uma importante base de receitas para a sua sobrevivência. A situação económico-financeira encontrava-se em crise, provocando queixas civis e comerciais. Portanto, os governos posteriores ao governo de Ferreira do Amaral necessitaram urgentemente de negociar com a corte manchu, de modo a definir o estatuto político-jurídico e comercial e a obter as mesmas vantagens que as restantes potências ocidentais na China. Para conseguir negociar com o lado chinês, o governador Isidoro Francisco Guimarães tentou estabelecer relações de amizade com o vice-rei de Cantão Xu Guangjin (徐广缙, *Xú Guǎngjìn*), de modo a atingir a reconciliação, após as medidas que Ferreira do Amaral tinha promulgado. Porém, o vice-rei ditou condições

para a normalização das relações luso-chinesas que iam contra as medidas implementadas por Ferreira do Amaral, tornando as negociações difíceis (Wu, 1999: 212).

Em 1862, Isidoro Guimarães parte para Pequim com vista à negociação direta com a corte da dinastia Qing. A 13 de agosto de 1862 foi assinado o primeiro *Tratado de Amizade e Comércio entre a China e Portugal*, no qual, apesar de a soberania portuguesa não estar claramente expressa, a soberania era reconhecida implicitamente nas várias cláusulas que o tratado incluía. Quando se procedeu à sua ratificação, no ano seguinte, o novo governador, José Rodrigues Coelho do Amaral, ao ser surpreendido com a tentativa de alterar algumas cláusulas (artigos n.º 2 e n.º 9), que a parte chinesa considerava polémicas, suspendeu as conversações, voltando de novo para Macau, e falhando assim a primeira tentativa de estabelecer um tratado com a China (Figueiredo, 2000: 64). Com o governador seguinte, José Maria Ponte e Horta, as negociações foram reestabelecidas para as ratificações do tratado, no entanto, apesar da constante troca de correspondência, continuou-se num impasse (Wu, 1999: 219).

As negociações em torno do *Tratado de Amizade e Comércio entre a China e Portugal* continuaram nas décadas de 70 e 80 do século XIX entre o vice-rei de Cantão e os governadores de Macau. Segundo Wu Zhiliang, estas negociações poder-se-iam resumir do seguinte modo (Wu, 1999: 224):

expansão extraterritorial incessante portuguesa, imposição portuguesa da décima territorial à comunidade chinesa, tentativa de ocupação da Ribeirinha, fiscalidade imposta aos comerciantes e à sociedade civil, frequentes conflitos à volta da jurisdição do domínio terrestre e marítimo.

O impasse provocava tanta preocupação às autoridades locais de Cantão como às portuguesas, que tinham o desejo de definir o estatuto político-jurídico de Macau de modo a melhorar a sua administração.

Durante a década de 80, uma grande parte do comércio de Macau assentava na importação de ópio vindo de Hong Kong, para ser posteriormente vendido como contrabando na China. Este comércio não só causava prejuízos ao Império do Meio como também à colónia inglesa. Tornou-se urgente regularizar esta situação, por isso Sir Robert Hart, Inspetor Geral das Alfândegas Chinesas, dirigiu-se a Macau em 1886 para negociar entre ambas as partes a cooperação para a fiscalização e o contrabando de ópio.

Aproveitando a situação, o governador de Macau, Tomás de Sousa Rosa, apresentou condições para a cooperação. Convinha à China que a cooperação portuguesa fosse aceite, pois a pressão inglesa assim o exigia, mas também porque, à data, se colocou a hipótese do território de Macau ser comprado pelos franceses, com quem a China tinha tido um conflito em 1884. Depois de várias negociações, o novo *Tratado de Amizade e Comércio entre a China e Portugal* (中葡和好通商条约, *Zhōngpú héhǎo tōngshāng tiáoyuē*) foi assinado em dezembro de 1887, em Pequim, e ratificado em Tianjin em abril de 1888 (Figueiredo, 2000: 71; Wu, 1999: 225). Neste tratado, com 54 artigos, pode ler-se (Saldanha, 2000: 1147):

ARTIGO II

A China confirma, na sua íntegra, o artigo 2º do protocolo de Lisboa, que trata da perpétua ocupação e governo de Macau por Portugal.
(...)

ARTIGO III

Portugal confirma, na sua íntegra, o artigo 3º do protocolo de Lisboa sobre o compromisso de nunca alienar Macau sem prévio acordo com a China.

ARTIGO IV

Portugal concorda em cooperar com China na cobrança dos direitos sobre o ópio exportado de Macau para os portos chineses, do mesmo modo e durante o mesmo tempo que a Inglaterra prestar igual cooperação à China, na cobrança dos direitos sobre o ópio exportado de Hongkong para os portos chineses.

Nestes três artigos pode-se observar que Portugal obtém finalmente a sua soberania sobre Macau, assim como a China desfruta da segurança de não ter Macau alienado a outra nação, vendo iniciada a cooperação sobre a cobrança dos direitos sobre o ópio.

No entanto, apesar de se ter redigido um tratado com a China, à semelhança do que outros países ocidentais tinham feito anteriormente, Portugal não era tratado de forma semelhante à das outras grandes potências. Após a guerra sino-japonesa, entre 1894 e 1895, a enfraquecida e derrotada China envia embaixadores para potências ocidentais,

porém Portugal, a nação que tinha enviado o mais antigo oficial da Europa ao Império do Meio, não foi agraciado com relações diplomáticas (Jesus, 2007: 216).

As relações sino-portuguesas durante a segunda metade do século XIX nem sempre foram as mais amigáveis. Após as políticas de fortalecimento implementadas por Ferreira do Amaral, criou-se um impasse desagradável entre o reino português e o Império do Meio. Afinal a quem pertencia Macau? Portugal, o país ocidental com a presença mais antiga em território chinês, encontrava-se em posição desfavorável face às outras potências europeias. Com a abertura de outros portos e a presença inglesa em Hong Kong, Macau deixava de ter a importância de que tinha gozado no passado. Era urgente negociar e alterar as condições de Macau para adaptar esta colónia portuguesa à época e ao contexto nos quais se encontrava inserida. Somente após longos anos de negociações, após inúmeros conflitos culturais entre as autoridades portuguesas e chinesas, é que foi possível negociar um tratado no qual era reconhecida a soberania portuguesa em Macau e assegurada aos chineses a não-alienação de Macau a outrem.

Porém, apesar de todo o esforço de Portugal para se mostrar como uma grande potência ocidental face à China, o Império do Meio não considerou o país lusitano como uma ameaça em comparação com as restantes potências. A influência da presença portuguesa na China no século XIX já não era considerada igual à dos séculos anteriores.

2. Wenceslau de Moraes

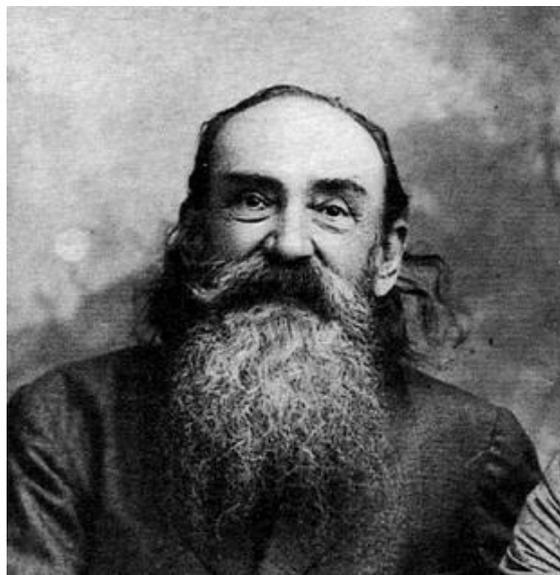


Figura 6 - Wenceslau de Moraes²¹

Finalizada a contextualização histórica da China, de Macau e das relações luso-chinesas, pode-se compreender a situação histórica em que Wenceslau de Moraes se encontrava enquanto vivia num pequeno ponto na costa do Império do Meio, no final do século XIX. Neste capítulo irá ser abordado Wenceslau de Moraes enquanto pessoa, a sua vida na China e, por último, a sua família chinesa.

²¹<http://embportugal.tokyo.s3-ap-northeast-1.amazonaws.com/pt/wp-content/uploads/2013/07/moraes.png> Consultado a 29 de março de 2017.

2.1. Alguns dados biográficos

O próprio Wenceslau de Moraes, a pedido de um japonês, traçou os seus dados biográficos em fevereiro de 1928 (Sociedade de Geografia de Lisboa, 1955):

Tokushima, 14 de Fevereiro de 1928.

Ex.^{mo} Sr. Yanazi Wara:

Consta-me pelo amavel intermedio do Ex.^{mo} Sr. Twamoto, meu vizinho em Tokushima, que V. Ex.^a deseja um ligeiro resumo da minha vida publica. Satisfaço o seu desejo. Sou portuguez. Nasci em Lisboa (a capital do meu paiz) no dia 30 de Maio de 1854. Estudei o curso da marinha e dediquei-me a official da marinha de guerra. Em tal qualidade fiz numerosas viagens, visitando as costas da Africa, da Asia, da America, etc. Estive cerca de cinco annos na China, tendo occasião de vir ao Japão a bordo de uma canhoneira de guerra e vizitando Nagasaki, Kobe e Yokoama.

Em 1893, 1894, 1895 e 1896 voltei ao Japão, por curtas demoras, ao serviço do Governo de Macao, onde eu então estava comissionado na capitania do porto de Macao. Em 1896, regressei a Macao, demorando-me por pouco tempo e voltando ao Japão (Kobe). Em 1899 fui nomeado consul de Portugal em Hiogo e Osaka, logar que exerci até 1913.

Em tal data, sentindo-me doente e julgando-me incapaz de exercer um cargo publico pedi ao Governo Portuguez a minha exoneração de official da marinha e de consul, que obtive e retirei-me para a cidade de Tokushima, onde até agora me encontro, por me parecer logar apropriado para descansar de uma carreira trabalhosa e com saude pouco robusta.

Devo acrescentar que, em Kobe e em Tokushima, escrevi, como mero passatempo, alguns livros sobre costumes japonezes, que foram benevolmente recebidos pelo publico de Portugal.

Wenceslau José de Sousa Moraes nasceu em Lisboa a 30 de maio de 1854, filho de pai com o mesmo nome, funcionário público, e de D. Maria Amália de Figueiredo Moraes, filha de um oficial-general, com uma excelente educação. Tinha duas irmãs,

Emília e Francisca, a primeira mais velha que Moraes e a segunda mais nova três anos. Era descendente de uma numerosa e distinta família burguesa na qual predominavam os militares e os burocratas. A sua família vivia em Lisboa, na Travessa da Cruz do Torel, n.º 4, segundo andar.

A 25 de agosto de 1871, com 17 anos de idade, o jovem Moraes assentou voluntariamente praça no Regimento de Caçadores n.º 5. No entanto, preferiu trocar a carreira de soldado pela de marinheiro, completando o curso preparatório de marinha na Escola Politécnica em 1873 e na Escola Naval em 2 de julho de 1875. Embarca na fragata *D. Fernando e Glória*, iniciando um período de viagens a Moçambique e à costa africana (Laborinho, 2004: 6). Chega a Macau pela primeira vez a 7 de julho de 1888.

No período em que se encontra em Macau, Wenceslau de Moraes realiza várias viagens até ao Japão, a primeira vez em 1889, e a partir de 1893 viaja todos os anos para o país do Sol Nascente. Em 1897 é membro de uma missão oficial dirigida pelo governador de Macau que é recebida pelo imperador japonês, o imperador Meiji (japonês: 明治天皇, *Meijiten'nō*) (Barreiros, 1990: 19; Inso, 1933: 317; Martins Janeira, & Pires, 1993: 32).

Wenceslau de Moraes parte definitivamente para o Japão em 1898. Tendo sido designado cônsul em Kobe (japonês: 神戸, *Kōbe*) e em Osaca (japonês: 大阪, *Ōsaka*), toma posse do cargo a 12 de maio de 1899. Em 21 de setembro de 1912 é nomeado cônsul geral no Japão, cargo que não chega a desempenhar, pois solicita a sua demissão, indo para a cidade de Tokushima (japonês: 徳島, *Tokushima*), onde habitou até à data da sua morte, a 1 de julho de 1929 (Martins Janeira, A., & Pires, D., 1993: 33).

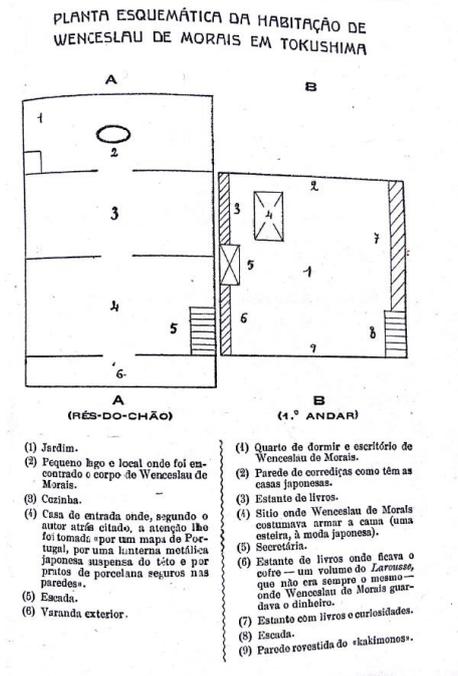


Figura 7 - Planta esquemática da habitação de Wenceslau de Moraes em Tokushima²²

Da sua vida e obra pode-se deduzir que Wenceslau de Moraes sempre teve um grande gosto pela aventura e um notório fascínio pelo encanto da mulher. Ainda como estudante, aos 18 anos, apaixonou-se por uma mulher chamada Laura, escrevendo-lhe versos de principiante²³. Posteriormente tem uma ligação amorosa com a sua vizinha Maria Isabel dos Santos, casada com um marido doente, com quem partilhava cartas apaixonadas em francês (Martins Janeira, A., & Pires, D, 1993: 36). Segundo Okamura Takiko, Maria Isabel e Wenceslau de Moraes chegaram a ter um filho, mas este nasceu morto (Okamura, 1994: 180). Em África tem mais uma relação amorosa com uma negra chamada Arrussi. Em Macau conhece Vong-Ioc-Chan (黃玉珍, *Huáng Yùzhēn*), vulgarmente conhecida por Atchan (亞珍, *Yàzhēn*), a qual será aprofundada num subcapítulo posterior, assim como a complexa relação entre ambos.

No Japão tem os seus dois últimos amores, dedicando-lhes uma das suas maiores obras: *O-Yoné e Ko-Haru* (Moraes, 1920/2006): Fukumoto Yone (japonês: 福本ヨネ, *Fukumoto Yone*), vulgarmente tratada por O-Yoné ou a “Senhora Bago de Arroz”, com

²² Retirada do Livro de Jaime do Inso *Visões da China* (Inso, 1933: 359).

²³ Mais tarde, já no Japão, menciona-a ao seu amigo Polycarpo de Azevedo, mostrando assim que nunca se esqueceu dos seus velhos amores (Moraes, 1961: 53).

quem Wenceslau de Moraes se casou pelos rituais xintoístas, segundo afirmam os estudiosos de Moraes (Nitta & Fujiwara, 2012: 333); após a morte de O-Yoné, a 20 de Agosto de 1912, Moraes dirige-se para Tokushima, levando consigo a sobrinha da defunta, Saito Ko-Haru (japonês: 斎藤コハル, *Saitō Koharu*). Segundo Jaime do Inso (Inso, 1933: 347), Ko-Haru nunca esteve realmente apaixonada por Moraes, tendo sido inclusive seduzida por um japonês com quem teve um filho. Com a morte desta por tuberculose em 2 de outubro de 1916, Moraes não teve mais nenhuma companheira, tendo vivido como o “Exilado de Tokushima” até falecer; foi sepultado próximo do túmulo de O-Yoné e junto a Ko-Haru, com o nome póstumo budista de Sokoin Hensou Bunken Daikoji (japonês: 藻光院扁窓文献大居士, *soukouin Hensou Bunken Daikoji*): *O contribuidor do Budismo que irradia uma bela luz: o Budista devoto, o Sábio Literário da Pequena Janela* (TdA)²⁴.

Wenceslau de Moraes era visto como um homem bondoso e preocupado com a sua família e amigos. Era também considerado um homem de extrema sensibilidade, como afirmam Vicente Almeida D’Eça²⁵ (Moraes, 1897/1972: 18) e Álvaro Neves (Moraes, 1933: 15). Frequentemente escreve cartas aos seus familiares e amigos, sendo possível, por exemplo, ler nos tomos de *Venceslau de Moraes Notícias do Exílio Nipónico* (Morais & Dias, 1993) inúmeros postais enviados à sua irmã mais nova, Francisca. Nas cartas aos amigos também se encontra essa predisposição de bondade e preocupação para com aqueles que conhece — numa carta a Sebastião Peres Rodrigues, a 28 de julho de 1889 (Morais & Dias, 1993: 22) escreve: “Como está? Como se tem dado na nova estação, com respeito a terra, a companheiros e a navio? Que notícias tem da sua filhinha, que eu estimo muito sem a conhecer?”

Wenceslau de Moraes viveu cerca de 31 anos no Japão, onde tentou compreender a alma japonesa, a história e a cultura. Por isso não será estranho dizer de Wenceslau de Moraes que é “o homem que trocou a sua alma”, como Fidelino de Figueiredo afirmou na edição comemorativa dos 450 anos da chegada dos portugueses ao Japão acerca do

²⁴ Armando Martins Janeira indica uma tradução diferente para este nome póstumo (Martins Janeira, 1956: 169): “magnífico escritor, no castelo algas iluminado”. No entanto, tendo-se em consideração que este nome é budista, haverá vários significados implícitos: 藻光 significa luz que irradia, onde 藻 também significa algas, o que poderá remeter à vida marítima de Moraes; 院 é um título dado a budistas defuntos, sendo traduzido para *contribuidor do Budismo*; 扁窓 tem como significado pequena janela, podendo fazer alusão ao local onde o autor escreveria os seus textos sobre o Japão; 文献 significa literatura, sabedoria; 大居士 é um título póstumo budista podendo ser traduzido por *Budista devoto*, sendo a palavra em sânscrito *grhapati*.

²⁵ Vicente Almeida D’Eça era um dos grandes amigos de Wenceslau de Moraes, porém, apesar de o autor não autorizar uma 2ª edição do livro *Dai-Nippon*, assinou um contrato para a efetuar. Isto levou a um corte de relações entre ambos (Moraes, 1933: 276).

livro *Dai-Nippon* (Moraes, 1897/1993b: 13). Porém, de facto, o autor nunca perdeu a sua alma portuguesa, nunca esqueceu Portugal nem deixou de comentar a situação portuguesa:

Ahi pela ocasião em que me escreveu, passava-se em Lisboa um outro facto, emocionante, do qual me não falou, mas do qual tive por outra via umas ligeiras informações, bastantes p^a ficar admirado; é a trapalhada da marinha, club militar naval, demissão de um Ministro, etc. (...) Meu Amigo, Portugal está perdido, está nas últimas convulsões de um corpo moribundo... (Moraes, 1961: 57)

Bem. Temos republica. Não foi a Republica que desfez a Monarquia, foi esta mesma que se desfez a si própria, pela podridão horrorosa a que chegou a sua administração. (Moraes, 1933: 117)

Também comenta nas suas obras o facto de não ter perdido ainda o seu espírito português, como se pode comprovar nos seguintes excertos citados do livro do autor *O Bon-odori em Tokushima*:

Eu bem quizera cingir-me, no assumpto, á praxe japoneza, visto viver n'uma terra japoneza e habitar uma casa japoneza. Mas os vícios de raça não se apagam, parece, por mais que a gente se embrenhe em exotismo. (Moraes, 1916: 133)

Aqui, pois, isolado por completo da civilização dos brancos, não cessarei de ser um d'elles, não cessarei de ser um branco, de ser um portuguez, na côr e em sentimento, denunciando-se a minha individualidade até nas particularidades mais miudas. (Moraes, 1916: 135)

Wenceslau de Moraes é sobretudo estudado e apreciado pelas informações que trouxe ao povo português do Japão. Viveu naquelas terras mais de trinta anos, aprofundando o estudo japonês com os seus contemporâneos. Porém, a contribuição que deu para o conhecimento da China e de Macau também não pode ser negligenciada, sendo, por isso, os próximos capítulos dedicados a esse mesmo assunto.

2.2. A vida chinesa de Wenceslau de Moraes



Figura 8 - Nota de 500 Patacas com a imagem de Wenceslau de Moraes²⁶

Wenceslau de Moraes chega a Macau em 1888, com cerca de trinta e quatro anos de idade. É neste território que se começa a afirmar como escritor, escrevendo os seus dois primeiros livros: *Traços do Extremo-Oriente*, em 1895, e *Dai-Nippon (o Grande Japão)*, em 1897 (Barreiros, 1990: 7). Viveu em Macau entre 1888 e 1898, apesar de ter viajado durante esse período várias vezes até ao Japão e a Portugal. Sabe-se que habitou em Macau na Calçada da Guia (atual Rua Nova à Guia) entre 1889 e 1892, posteriormente na Travessa da Misericórdia (Sena, 2007: 84), onde terá sido vizinho de Sun Yat Sen²⁷ (孙中山, *Sūn Zhōngshān*), e no Pátio da Penha (Barreiros, 1990: 72). Moraes descreve a sua segunda casa carinhosamente numa carta à sua irmã, publicada no livro *Traços do Extremo Oriente* (Moraes, 1895/1946: 61-71):

Encontrei-a [a casa], commum, banal, como todas as casas de aluguer de todos os paizes; n'uma rua qualquer, ou antes n'um becco, com vizinhos á direita e á esquerda, e na frente também; não faltando olhares accessos em bisbilhotice, a entrarem sem cerimonia para dentro das minhas cinco janelas. Por fóra é pobrementemente pintada a ocre amarello, destacando as gelosias verde-salsa; por dentro uma demão de cal, d'uma alvura immaculada, cobre uniformemente as paredes dos aposentos, dando-lhes assim uns ares de

²⁶ Retirada de *Wenceslau de Moraes: Fotobiografia* (Pires, 1993: 158).

²⁷ O Dr. Sun Yat Sen é uma das figuras mais emblemáticas da China do século XX. Nasceu em 1866 e morreu em 1925, foi um dos maiores revolucionários da China, sendo aclamado pelos chineses como o “Pai da Nação” (国父, *Guófù*) (Wilbur, 1976: vii, 11).

mesquita arabe, que não deixam de seduzir-me. (...) A minha casa tem um terraço interior, um pequeno terraço fechado por quatro muros (...)
– A minha casa! a minha bella casa! – Tu não comprehendes talvez com que prazer egoísta eu formulo mentalmente esta exclamação!

Durante a sua permanência em Macau, Moraes é promovido, a 26 de outubro de 1891, a imediato da capitania do porto. A 3 de junho de 1893, fica encarregado de adquirir artilharia para o serviço da província macaense, sendo uma das suas funções a de ir negociar o armamento ao Japão. Também assume as funções de delegado do superintendente da importação e exportação de Macau, mas no ano seguinte é exonerado a seu pedido daquelas comissões. Em abril de 1894, começou a desempenhar o cargo de professor de matemática no liceu de Macau, onde travou amizade com Camilo Pessanha, poeta de renome da época, inclusive dedicando-lhe o livro *Paisagens da China e do Japão* (Moraes, 1906), segundo afirmam Inso e Sena (Inso, 1933: 318; Sena, 2007: 97). Em 1909, escreveu ao seu amigo Carlos Campos a seguinte passagem sobre Pessanha (Morais & Dias, 1988: 59):

O Pessanha, a que te referes, é na minha opinião (mt^o privada), um homem de uma intelligencia agudíssima, uma individualidade litteraria intensamente creativa, possuindo uma memoria deslumbrante.

Com a nomeação do capitão-tenente António Talone da Costa e Silva para a posição de capitão do porto de Macau, em 1897 (Moraes, 1993a: 84), Wenceslau de Moraes sente-se injustiçado, pois o novo capitão, apesar de ser mais antigo que Moraes na escala geral dos oficiais da armada, era de graduação hierárquica inferior (Ferreira, 2004: 37). A 8 de julho de 1898 pede a exoneração do seu cargo de imediato da capitania do porto de Macau, sob a alegação de que a sua situação se tinha tornado insustentável do ponto de vista hierárquico, partindo depois para o Japão (Sociedade de Geografia de Lisboa, 1955).



Figura 9 - Moraes (sentado) e Pessanha (em pé)²⁸

Moraes, de facto, não considerava Macau como um local desagradável (Moraes, 1933: 35), mas não simpatizava (Moraes, 1933: 113) com os macaenses e europeus em geral que se encontravam na Cidade do Nome de Deus, de quem desconfiava (Moraes, 1933: 47):

Perfeitamente de acordo sobre o que diz da vida europeia de Macau. Muito poderia dizer da minha lavra, sobre o assumpto; mas ha coisas que não se devem confiar a uma carta, principalmente quando ella vae para o paiz que se discute.

Porém, Moraes gostava especialmente de ir passear pelo Bazar, o distrito chinês de Macau, pelas suas características nativas, conforme afirma numa carta ao seu amigo Dias Branco (Moraes, 1933: 89):

Também eu, de Macau, o que mais estimo é o Bazar (...) Quanto a Macau, se o podermos imaginar sem chinas e sem bairros chinezes, e apenas povoado

²⁸ Retirada do livro *Wenceslau de Moraes: Fotobiografia* (Pires, 1993: 91).

de nhõns e de funcionários do governo, e só com avenidas cheias de gente que vae p.^a a missa ou para as batotas, deve ser simplesmente horrível!...

Para além do Bazar, o filho de Wenceslau de Moraes, João de Sousa Moraes, também afirma que o seu pai gostava de, frequentemente, passear ao luar na colina onde a casa da Calçada da Guia se situava (Barreiros, 1990: 72).

Moraes sempre foi um apreciador da cultura dos povos que habitavam as terras por onde viajou. É considerado alguém com ideias peculiares para a época em que viveu, na qual o colonialismo predominava na mentalidade dos ocidentais, pois condenou alguns atos cometidos pelos europeus em África e na Ásia. (Martins Janeira, 1979: 370; Moraes, 1933: 10). Acreditava que o carácter europeu era “irracional, impetuoso, injusto e com muitos mais outros defeitos” e que “A China, se não fossem a Europa e a America, a importunava, era o paiz mais feliz do mundo” (Moraes, 1933: 59). Assim, durante a sua estadia no continente chinês, tentou sempre encontrar a essência da cultura. Considerava Cantão como uma das grandes maravilhas do mundo, com as suas ruas de comércio e os seus tancás-flores (Moraes, 1933: 59).

Wenceslau de Moraes, enquanto permaneceu na China, passou por um processo de aculturação, processo identificado como típico do fenómeno de adaptação de um forasteiro a contextos estranhos, o qual, segundo os estudos sobre aculturação empreendidos por Geert Hofstede³⁰, inclui várias fases.

A primeira fase corresponde a um período de euforia e de curiosidade, durante o qual a pessoa sente a emoção de estar numa cultura nova. Esta fase é caracterizada em Moraes pelos capítulos referentes à China no seu livro *Traços do Extremo Oriente*, onde se foca nos quadros do dia-a-dia do povo chinês. A segunda fase é a de choque cultural, que segundo Hofstede é caracterizada por uma falta de identificação dos valores culturais, fazendo com que o estrangeiro se sinta deslocado, impotente e angustiado no novo ambiente (Hofstede, 2003: 241):

O estrangeiro inexperiente pode fazer um esforço por aprender certos símbolos e rituais da nova cultura (palavras que se usam, formas de cumprimentar, situações em que se oferecem presentes) mas é pouco provável

³⁰ Geert Hofstede é um estudioso de comportamento organizacional, sendo sobretudo conhecido pelas suas dimensões de cultura. <http://geerthofstede.com/geert-hofstede-biography/> Consultado a 24 de maio de 2017.

que identifique (e ainda menos que sinta) os valores subjacentes. Num certo sentido, o visitante de uma cultura estrangeira regride à situação mental de uma criança pequena, que tem que aprender de novo as coisas mais simples. Isto origina frequentemente sentimentos de angústia, impotência e hostilidade face ao novo ambiente.

Esta fase pode ser detetada em 1893, quando Wenceslau de Moraes escreve sobre o tédio que sente em estar na China e no receio de que esta poderá deixar de o fascinar (Moraes, 1895/1946: 137):

Dois annos quasi, na apathia burocrática.

Não era a isto que se habituára a minha existencia errante. Sinto saudades da onda salgada (...)

Presinto que me invadirá dentro em breve o desprestigio d'esta China exotica, cuja feição tanto me impressionou, olhos e espirito: mas que, á força de vista, de vivida, se vae diluindo como que n'uma nebulosidade neutra de tédio, onde a sensação entorpece, alheia a tudo, á dor como ao prazer, inerte a retina ás impressões dos contrastes polychromaticos.

Nesta fase Moraes já não se encontra emocionado por estar na China; ultrapassada a fase eufórica e curiosa, escreve apenas alguns apontamentos sobre a vida chinesa.

A terceira fase, de aculturação, é iniciada quando se aprendem alguns valores locais e se adquire confiança em si mesmo, integrando a nova rede social (Hofstede, 2003: 242). Esta fase pode ser notada em Moraes quando este, em 1894, se junta a Camilo Pessanha e leciona no Liceu de Macau. Poderá assumir-se que já se encontrava a criar amizades e a tentar estabilizar a sua vida na China.

A quarta e última fase de estabilidade é aquela que irá conduzir Wenceslau de Moraes ao Japão. Com efeito, não se identificando com os habitantes da Cidade do Santo Nome de Deus, sentindo-se desajustado, alimentando um sentimento negativo em relação a Macau, opta por se mudar para o Japão.

Durante o período que Wenceslau de Moraes habitou num recanto português adjacente ao Império do Meio, o imediato da capitania do porto macaense desfrutou largamente da beleza que a China lhe oferecia, assim como observou pelos seus próprios olhos aquilo que considerava um comportamento injusto e irascível por parte dos

européus. Na China, o autor começou a moldar a sua escrita e as suas ideias sobre o Oriente. Ficou fascinado por Cantão e os “chinas” que lá habitavam. No entanto, esse fascínio foi-se extinguindo, à sombra do Japão, que, apesar de manter os seus mais tradicionais costumes, rapidamente se erguia, evoluía e se adaptava ao mundo exterior.

2.3. A família chinesa de Wenceslau de Moraes

Um dos pontos mais marcantes da vivência de Wenceslau de Moraes na China foi a família que formou com Atchan, uma mestiça local. Não se sabe a data exata em que Atchan e Wenceslau de Moraes se conheceram. Crê-se que já viviam juntos aquando da escrita do capítulo *A outra Maman* (Moraes, 1895/1946: 23), em outubro de 1889 (Barreiros, 1990:20).

O capítulo *A outra Maman*, inserido no livro *Traços do Extremo Oriente*, conta detalhadamente a história de Atchan. Desconhece-se onde terá nascido a mulher por quem Moraes se enamorou, mas sabe-se que foi produto de um amor passageiro entre um piloto europeu e uma chinesa, assim como o seu irmão mais velho, Wong Kam Fook³² (黄金福, *Huáng Jīnfú*) (Barreiros, 1990: 19; Okamura, 1996: 18). Atchan foi vendida em pequena a uma chinesa, indo para Macau, onde cresceu num bom ambiente familiar, com crianças de origem semelhante (Moraes, 1895/1946: 23). Wenceslau de Moraes conhece Atchan quando esta tinha 15 anos de idade. Não era especialmente bonita, mas tinha um aspeto meigo e simples e fácil de simpatizar (Moraes, 1895/1946: 24):

Quando eu conheci Atchan, teria ella quinze annos. Não era bonita, em nada fazia excepção ao typo vulgar; débil, enfezada, acusando não só um sangue pobre, que é a herança fatal de toda aquella raça, mas tambem uma juventude ávida de sol e de ar, medrada entre paredes bolorentas, na penumbra das viellas humidas e infectas. Fórmias esguias; contornos indecisos; peito de rapaz em que a curva dos seios mal transparecia; faces pallidas, sem vislumbres de côr de rosa. Mas faça-se justiça à beleza das suas mãos

³² O irmão de Atchan torna-se influente em Hong Kong, sendo o “compradore” da firma *Hong Kong & Kowloon Wharf & Godown Co.* (atual *The Wharf*) (Barreiros, 1990: 25).

pequeninas³³, transparentes de jaspe, admiravelmente gentis, mãos como as chinesas só possuem; e ao negro fulgor dos seus olhitos oblíquos, imprimindo ao rosto uma intonação meiga e simples, de boa rapariga, com quem não era custoso sympathisar.

Wenceslau de Moraes, ao chegar a Macau, fica com Atchan e trata dela, passando muitos dias agradáveis com esta, segundo escreve numa carta ao seu amigo Sebastião Peres Rodrigues, em 1903 (Moraes, 1993a: 45). A primeira separação de Atchan e de Wenceslau de Moraes ocorre quando este, no comando do *Tejo*, regressou a Lisboa em agosto de 1891. Porém, sendo o autor tocado pela tristeza de ter abandonado a China, Atchan e o seu filho José de Sousa Moraes, que nascera a 1 de março de 1891, fruto desta relação, rapidamente volta à colónia portuguesa adjacente ao Império dos Qing, em dezembro do mesmo ano (Barreiros, 1990: 20; Inso, 1933: 341). No ano seguinte, nasce o seu segundo filho, João de Sousa Moraes, a 1 de setembro de 1892. Com o nascimento dos filhos surgiram também os primeiros grandes problemas entre o português da marinha e a rapariga mestiça, culminando no arrefecimento do seu amor inicial.



Figura 10 - José, João e Atchan³⁴

Com a exoneração do cargo de imediato da capitania do porto de Macau e a nomeação para o cargo de cônsul em Kobe, o casal sofre a derradeira separação.

³³ Ver página 18, referente às macaístas.

³⁴ Retirada do livro *A Paixão Chinesa de Wenceslau de Moraes* (Barreiros, 1990: 27).

Inicialmente Wenceslau de Moraes pretendia levar consigo os seus filhos e a sua mulher, mas Atchan negou a ideia, exceto se Moraes se casasse com ela, o que seria, segundo o autor, uma impossibilidade. Com os sucessivos atritos que se geraram, Atchan finalmente cedeu, porém Moraes preferiu ir sozinho para o país nipónico e deixar a mulher e os filhos em Macau (Moraes, 1993a: 46).

Encontrando-se no Japão, Moraes nunca se esqueceu da sua família chinesa, apesar de as suas relações com Atchan serem mantidas através do intermediário Feliciano Francisco do Rosário. Antes de partir para o país do Sol Nascente, compra em nome de Atchan uma moradia na Calçada de St.º Agostinho (Barreiros, 1990: 21). Também garante o sustento da mulher e dos seus filhos até estes atingirem os 21 anos, enviando mais de 230 patacas de três em três meses, apesar de ter conhecimento de que o irmão de Atchan também estaria a apoiar a sua irmã e os sobrinhos (Barreiros, 1990: 25, 29; Moraes, 1993a: 47).

Wenceslau de Moraes nutria um grande amor pelos seus filhos. Em 1900 fez-lhes uma visita surpresa em Macau, pela ocasião do “dia dos filhos”³⁵ (japonês: こどもの日, *kodomonohi*), trazendo-lhes as tradicionais carpas de papel japonesas. Esta ocasião de amor paternal encontra-se descrita na carta de João de Sousa Moraes a Danilo Barreiros em 1945 (Barreiros, 1990: 74):

Ainda voltou a Macau, para uma breve estadia de um mês (...) Trouxe do Japão para os filhos dois grandes peixes de papel e duas bengalinhas de vime, com castão de prata. (...) Chegou a casa; viu os dois filhos a darem-lhe as boas-vindas do cimo da escadas; subiu os degraus a correr e, levantando-os ao ar, com ambas as mãos, beijou-os. Foi com eles ao colo até perto de uma cadeira em que se deixou cair, exausto, com as lágrimas a deslizarem-lhe pela face! (...) As suas emoções eram profundas... demasiado profundas para poderem ser facilmente adivinhadas por duas crianças! (...) A última visita a Macau tinha-lhe custado grande sacrifício e incómodo pelo que, antes de partir queria ver os filhos bem de perto.

³⁵ Ocorre anualmente no dia 5 de maio, no Japão. Celebram-se as crianças, as suas personalidades e felicidade. Apesar de atualmente ser dedicado a ambos os sexos, era originalmente dedicado só às crianças do sexo masculino (as do sexo feminino celebravam só o Hinamatsuri (japonês: ひな祭り, *Hinamatsuri*). É costume oferecer às crianças 3 bandeiras com a forma de carpas (japonês: 鯉のぼり, *koinobori*), sendo uma representante do pai, outra da mãe e a restante do filho.

A educação dos seus filhos também era assunto de elevada importância para o cônsul em Kobe. Em outubro de 1899 já escrevia ao seu intermediário macaense de modo a resolver esta questão. José e João foram colocados no Colégio de S. José, em Hong Kong, originalmente como internos e depois como externos, vivendo na casa do tio (Barreiros, 1990: 74; Moraes, 1993a: 46). Até setembro de 1905, os filhos ainda não tinham sido batizados, apesar da insistência de Moraes com Atchan para o efeito, sendo nessa data finalmente batizados e perfilhados em Macau (Moraes, 1993a: 46; Sena, 2007: 85). Em 1908, a pedido de José ao seu pai, os dois irmãos mudaram de escola para a *Diocesan Boy's School* em Hong Kong, completando os estudos em 1910 (Barreiros, 1990: 78).

Durante a sua estadia em Kobe, o cônsul recebeu por duas vezes visitas da sua família euro-asiática. A primeira em 1905 e a segunda em 1908. Em 1905, sob o pretexto de doença, João, acompanhado de seu tio, viajou até ao Japão, onde se encontrou com o pai. Em 1908, Atchan, também ela sob o pretexto de estar doente, acompanhada por João, foi aconselhada a ir ao Japão, onde, após duas tentativas frustradas de se encontrar com Wenceslau de Moraes³⁶, e graças a um último apelo do seu filho, consegue ter um breve encontro com o escritor. No dia do regresso de Atchan a Macau, Wenceslau de Moraes demonstra que, apesar de terem ocorrido dez anos de separação, ainda sente um grande afeto pela sua família, indo despedir-se pessoalmente de Atchan e de João à embarcação, dominado pela comoção, pela tristeza e pelo afeto, como afirma o seu filho a Danilo Barreiros (Barreiros, 1990: 76).

Desconhece-se se Wenceslau de Moraes e Atchan realmente se casaram. Segundo Okamura, tanto Ângelo Pereira como Oldemiro César afirmam que Moraes e Atchan se casaram segundo o ritual chinês; o biógrafo Janeira também colocou essa possibilidade (Okamura, 1996: 21). Adicionando argumentos para essa possibilidade, no ato de escritura da casa da Calçada de Santo Agostinho, Atchan surge com o estado civil de casada, e em 1947, ao transacionar essa habitação, é dada como viúva (Barreiros, 1990: 10). Porém, segundo Moraes o casal nunca se casou, conforme afirma numa carta a Cerveira de Albuquerque (Moraes, 1993a: 128): “Já não é tempo para meias palavras; vejo-me obrigado a dizer que nunca, nunca, nunca, casarei com a mãe, nem viverei em companhia dos filhos, ou dela.” Com a ideia de persuadir Moraes a casar-se, Atchan visitou-o novamente em Tokushima, no Japão, em 1919, sem ter obtido o efeito desejado

³⁶ Wenceslau de Moraes tinha uma grande aversão aos rumores que se poderiam produzir se fosse encontrado com a mulher chinesa no Japão (Moraes, 1993a: 46).

(Moraes, 1993a: 131). A última vez que Moraes e Atchan se encontraram ocorreu no verão de 1927. Apesar de Moraes se opor inicialmente ao reencontro (pois receava que ser visto com Atchan lhe prejudicasse a imagem), acabou por beneficiar bastante com ele. Assim, durante a estadia de Atchan, Moraes adoeceu e Atchan cuidou dele. Na hora da partida, Atchan prometeu-lhe que lhe enviaria uma carta a confirmar a sua chegada à China, no entanto, esta nunca chegou, tendo preocupado Moraes (Okamura, 1996: 37).

Em 1929, após a morte de Moraes, a antiga companheira dirigiu-se ao consulado em Hong Kong para receber alguma herança, mas não estando contemplada no testamento, apenas recebeu como recordação um velho binóculo de marinha que pertencia ao falecido (Inso, 1933: 342). Os seus filhos receberam o valor restante, após as despesas do enterro e do pagamento de dívidas (Martins Janeira, 1956: 166).

A relação de Moraes com a sua família chinesa foi bastante complexa, marcada por atritos provocados por diferentes personalidades e por diferentes culturas. Por vezes Moraes tentava manter esta família secreta, evitando que viajassem até ao Japão, com receio que surgissem estranhos rumores sobre o homem barbudo e a mulher chinesa. O “Exilado de Tokushima” também, por vezes, sente desilusão e arrependimento por ter criado esta família, achando os filhos “monstruosamente pervertidos”, pois estes teriam abandonado os seus empregos para perseguir futuros diferentes do que o seu progenitor desejava e estavam, aos 27 e 28 anos, ainda impossibilitados de garantir o seu próprio sustento (Moraes, 1993a: 129). No entanto, apesar daquilo que ele poderá ter escrito sobre a sua família chinesa, também demonstrou grande afeto por esta ao encontrar-se, apesar de raramente, com Atchan e com os filhos e, na hora da despedida, mostrar sempre alguma tristeza e abandono. Apesar de Atchan e os filhos não estarem sempre presentes no Japão e de não usufruírem da mesma paixão intensa que Moraes nutriu por O-Yoné e posteriormente por Ko-Haru, estiveram, de um modo ou de outro, sempre no coração de Wenceslau de Moraes.

3. A Visão da China

Os portugueses, com o início das Descobertas, tiveram um papel na história da globalização mundial. Escritores como Camões e Fernão Mendes Pinto navegaram pelos mares orientais, dando origem a obras literárias famosas e ainda hoje estudadas como *Os Lusíadas* e a *Peregrinação*. Com a Revolução Industrial e com as políticas do Colonialismo, países ocidentais como o Reino Unido, a França ou os Estados Unidos da América começaram mais facilmente a explorar a Ásia, a “civilizar” os seus nativos e a tentar obter benefícios dos mesmos. Com a evolução dos meios de transporte, outras gentes chegaram também à Ásia e iam relatando para os seus países de origem aquilo que lhes era invulgar e estranho.

No século XIX, o Orientalismo encontrava-se popularizado no Ocidente. Escritores portugueses como Camilo Pessanha escreviam sobre a China e Macau, enviando para o pequeno país da Península Ibérica informação sobre locais longínquos e sobre a permanência portuguesa no outro lado do mundo. Enquanto ocidental, no império chinês, Wenceslau de Moraes ficou marcado e fascinado pelas diferenças sociais, culturais e históricas entre a Europa e a Ásia. Assim como muitos dos seus conterrâneos, também ele relatou aquilo que observou e viveu.

Apesar de Wenceslau de Moraes não ter vivido muito tempo na China e de, nesse país, para além de fugazes viagens em algumas cidades do litoral³⁷, só ter verdadeiramente conhecido Macau, Cantão e Hong Kong, escreveu duas obras onde a temática chinesa é largamente abordada: *Traços do Extremo Oriente*, publicado em 1895 e posteriormente *Paisagens da China e do Japão*, publicado em 1905.

Neste capítulo será abordada e estudada a visão que Wenceslau de Moraes possuía da China e que transmitiu para Portugal, quer através das obras que escreveu, quer de cartas íntimas a amigos, e ainda artigos de jornais. Também se irá tentar compreender melhor como evoluiu o imaginário chinês, desde a sua chegada a Macau até ao final da sua vida.

³⁷ Para além destes locais, visitou brevemente Amoy (Xiamen), Fuchau (Fuzhou), Xangai, Ta-ku (大沽口炮台, *Dà gū kǒu pàotái*), Tientsin (Tianjin) e Chifu (芝罘, *Zhīfú*) (Pires, 1993: 22).

3.1. O Feminino

Aqueles que conhecem as obras de Wenceslau de Moraes reconhecem o seu fascínio pela mulher. Escreveu imensamente sobre as *musumés*³⁹ (japonês: 娘, *musume*), que tanto admirava pela sua beleza e delicadeza, em comparação com qualquer outro tipo de mulher. Na sua vida apaixonou-se por várias mulheres, tendo dedicado às suas duas últimas grandes paixões orientais uma das suas obras-primas, *O-Yoné e Ko-Haru* (Moraes, 1920/2006).

Enquanto se encontrava na China, Wenceslau de Moraes transmitiu a sua imagem da mulher chinesa e das *half-castes* (mestiças), deu a conhecer as suas tradições e os seus costumes, as suas alegrias e as suas tristezas, mostrando ao mundo português como estas viviam na China dos finais do século XIX.

Poderá assumir-se que Moraes descreveu essencialmente três tipos de mulheres diferentes na China: as tancareiras, de natureza simples, sem grandes posses e tripulantes dos tancás, as mestiças, produto de amores passados entre ocidentais e orientais, e as chinas, caracterizadas por estarem fechadas em casa e possuírem pés pequenos.

3.1.1. As Tancareiras

A primeira menção do autor referente às tancareiras surge no capítulo *O Rio de Cantão*, inserido no livro *Traços do Extremo Oriente* (Moraes, 1895/1946: 31):

Há logar para tudo no *Tanká*; (...) Movido geralmente por um remo lateral que manejam as raparigas, as *tankareiras*, e por outro mais pesado á popa, em esparrela, empunhado pela mãe, os *tankás* formigam por toda a superfície do Chu-Kiang...

³⁹ Raparigas jovens e solteiras.



Figura 11 - Tancá-flor (embarcação grande) e tancás (embarcações pequenas)⁴⁰

Segundo Moraes, estas mulheres eram as condutoras e as habitantes dos tancás, pequenas embarcações que navegavam pelo rio das Pérolas (珠江, *Zhū Jiāng*). Naquelas embarcações trabalhavam, dormiam, cozinhavam, guardavam os seus pertences, tinham os seus filhos. Segundo o autor, os tancás serviam de meio de transporte e de comércio. Era frequentemente realizado comércio com as grandes embarcações de marinheiros estrangeiros. As mulheres mais jovens dos tancás eram caracterizadas por, graças ao trabalho que desempenhavam, não demonstrarem mocidade, tendo as faces escurecidas pelo sol e as mãos negras e rugosas. As mais velhas eram caracterizadas pela cabeça bastante enrugada e os cabelos brancos a esvoaçar ao vento (Moraes, 1895/1946: 32). Em geral não possuíam grande beleza, mas ocasionalmente tinham um olhar carinhoso. Eram mulheres mais robustas, que resolviam disputas usando a força, sendo necessário até as autoridades intervirem (Moraes, 1895/1946: 74). Porém, nem sempre a força era o suficiente para se defenderem de alguns ataques, como no episódio dos leprosos, descrito no capítulo *Amores...*, em *Paisagens da China e do Japão*, em que estas eram vítimas de violações por parte dos leprosos (Moraes, 1906: 169).

Frequentemente faziam serviço de tancá privativo para comandantes e oficiais das marinhas, o que por vezes originaria relações mais íntimas e familiares. Eram alvo de algumas brincadeiras e assédios por parte dos marinheiros, que lhes atribuíam alcunhas de teor pejorativo. Por seu lado, também as tancareiras costumavam atribuir nomes aos marinheiros (Moraes, 1895/1946: 75):

⁴⁰http://www.europeana.eu/portal/en/record/2064108/Museu_ProvidedCHO_Ethnologisches_Museum__Staatliche_Museen_zu_Berlin_1495353.html?q=boat#&gid=1&pid=1 Consultado a 28 de maio de 2017.

Dão alcunhas a todos os de bordo, ao sabor da sua chocarrice chula; a nossa gordura ou a nossa magreza, os cabelos loiros, um bigode farto, as lunetas fixas, são outros tantos pretextos e epíthetos incompreensíveis, que provocam entre o mulhério explosões de gargalhadas. Os marinheiros não se esquecem do troco, é bem de vêr; são a *Saloia*, a *Bexiga*, a *Mulata*, a *Maria-de-todos*, títulos por norma pouco lisonjeiros, quando não são desafortadamente compromettedores.

Um sentimento de entreajuda pairava entre os marinheiros e as tancareiras. Elas ajudavam-nos, procurando-os quando estavam embriagados e levando-os de volta para a sua embarcação. Eles ofereciam-lhes comida, tendo piedade delas (Moraes, 1895/1946: 74):

Pobres tancareiras, agarradas desde a infancia ao remo que as sustenta (...) pobres parias do mundo! Queremos-lhes todos. Que são ellas afinal, senão as nossas companheiras de trabalhos, uma parte integrante das guarnições dos nossos navios?

De facto, as tancareiras eram geralmente diferentes da restante população chinesa. Enquanto solteiras, nutriam relações bastante familiares com os seus passageiros, ao contrário da restante população, que usualmente só mantinha relações puramente comerciais com aqueles que eram estranhos à sua comunidade, sendo portanto, ainda hoje, difícil delinear até que ponto é que este serviço prestado era apenas de transporte ou também envolvia uma espécie de prostituição (Oliveira, 2000: 376).

3.1.2. As Half-castes

As mestiças são, nas palavras de Moraes, as “Flores hybridas, produtos de enxertias exóticas” (Moraes, 1895/1946: 81), fruto de relações íntimas entre chinesas e europeus. Para Wenceslau de Moraes, estas raparigas possuíam uma beleza sedutora, com as suas mãos brancas, a sua graciosidade e os seus movimentos sensualmente femininos.

No entanto, para o imediato da capitania do porto de Macau, estas também eram detentoras de antagonismo, por causa do seu sangue mestiço (Moraes, 1895/1946: 82). Possuíam os costumes e as crenças das suas mães, como se pode provar com o “remédio santo” que Soi-hin, vizinha *half-caste* de Moraes em Macau, utilizou para se curar (Moraes, 1895/1946: 87); dos seus pais conservavam o espírito aventureiro e o desejo do luxo. Eram atenciosas consigo mesmas, prestando culto às modas e ao que se vestia, e desprezavam o trabalho e a educação, o que era aceitável na época em que Moraes se encontrava: “Sabem ser bonitas, quando podem. E mais nada.” (Moraes, 1895/1946: 83).

As mestiças eram desprezadas pelos chineses, que frequentemente as insultavam e as poderiam até atacar. Não era raro elas serem abandonadas pelos seus progenitores e vendidas de casa em casa pelo valor da sua beleza, acabando ocasionalmente a prostituir-se para sobreviver (Moraes, 1895/1946: 84).

As mestiças foram uma presença importante para Moraes em Macau. Por elas se sentiu seduzido e de uma delas se enamorou: Atchan. Moraes, inclusive, ao observar o comportamento de Atchan, desmentiu a insensibilidade das mulheres do Império Chinês, que à data era tida como norma (Moraes, 1895/1946: 25):

Tenho ouvido muitas vezes acusar de brutas as filhas do celeste imperio: entes abjectos, para quem as delicadezas do sentimento são dons defezoz; contam-n’o os livros de viagens. E eu revolto-me então; recordo-me de umas lagrimas de fel, que uma vez queimaram os olhinhos de Atchan...

3.1.3. As Chinas

Durante a sua permanência em Macau, Wenceslau de Moraes teve oportunidade de observar o comportamento de algumas chinas mais abastadas. Diante da impossibilidade de saírem frequentemente de suas casas, por causa dos pés enfaixados, estas mulheres passavam o tempo a cuidar da sua aparência, a ler, a conversar e a jogar. Devido aos seus pés e ao calçado *lótus de ouro*, impróprio para o movimento, necessitavam de criadas para as sustentar e auxiliar, pois eram incapazes de realizar tarefas domésticas que exigissem grandes movimentos e esforços. Muitas vezes viviam com outras mulheres, uma como esposa do homem chinês abastado e as restantes como

concubinas, gozando a primeira de um estatuto especial perante as outras (Moraes, 1895/1946: 63).



Figura 12 - Lótus de Ouro⁴²

Estas mulheres, de beleza extraordinária, por vezes provinham de famílias menos abastadas, que cuidavam delas na esperança de que no futuro fosse possível encontrar um rico mandarim que as desejasse. Moraes, no capítulo *O Pé Pequeno*, descreve ao público português como era o processo de educação e de crescimento destas raparigas (Moraes, 1895/1946: 13):

Ataxoi meditava um dia profundamente; e o seu olhar triste, illuminado por uma súbita inspiração, fixara-se de preferencia na filhita mais nova, a pequenina Agan.

Agan teria quatro annos. Mais debil, mais franzina do que as irmãs, era também a mais bonita.

(...)

Estava n'aquella creança talvez a salvação da família. (...) se possível fosse (...) cingir-lhe o corpo n'uma fina cabaia de Cantão; (...) e sobretudo aquelle pé, aquelle pé livre e inquieto, se fosse possível votal-o á inacção e á preguiça (...) então, mais tarde, certamente algum rico mandarim forasteiro, que por ali passasse em peregrinação, vel-a-hia, ficaria perdidamente enamorado...

(...)

⁴²http://www.europeana.eu/portal/en/record/91643/SMVK_OM_objekt_153953.html?q=foot+binding Consultado a 28 de maio de 2017.

á sombra d'aquella [da família de Agan] miseria obscura de vermes ia florescendo a fresca juventude da pallida Agan, sorrindo serena á vida, indolentemente recostada sobre fofas esteiras...

(...)

Ao jantar, engolia a família o escasso arroz cozido; e ella [Agan], a preguiçosa, segurando delicadamente nos dedos alvos os faichys de marfim, ia saboreando pedacitos de febra de porco, frescos mariscos, fructos perfumados...

No entanto, nem sempre o fruto da educação e do crescimento era recompensado, ficando estas mulheres chinesas sem alguém para as sustentar e sendo, apesar dos seus pés feridos, obrigadas a trabalhar para sobreviver (Moraes, 1895/1946: 17).

A descrição da mulher chinesa evoluiu no imaginário de Wenceslau de Moraes, acompanhando o seu crescente desinteresse pela China. Ao tempo em que escreveu *Dai-Nippon*, quando a China não era já a novidade retratada no *Traços do Extremo Oriente*, Moraes oferece-nos uma visão claramente desfavorável da mulher chinesa, quando comparada com a da japonesa (Moraes, 1897/1993b: 154):

E entretanto, além, a curtas horas de demora, no vastíssimo império, patrimônio de um povo irmão, eis o curioso contraste da mulher sem pés, aleijada desde a infância tenra pelas exigências da moda que domina. Eis a mulher que nunca presenciou o romper de aurora, que nunca vagabundeou com o marido durante um curto instante, que nunca ajuntou seis passos ao longo de uma estrada, que vive eternamente na clausura, na penumbra misteriosa e sórdida de quatro paredes unidas, deixando-se invadir de flácidas gorduras e de tons terrosos de encarcerada, deixando crescer as unhas das mãos inúteis até à disformidade, imóvel, estúpida, tediosa, hierática, feitiço inspirado do lar. Com esta missão apenas, a mísera: manter a disciplina entre as concubinas legitimadas do marido; incutir o medo e exercer a tortura nas servas, as escravzinhas imundas que a saúdam em prostrações rojantes; e, em assuntos conjugais, ser por seu turno a escrava submissa, calando afrontas e recalçando ciúmes, prestando-se aos caprichos casuais do seu senhor, durante alguma noite desabrida, em que ele, por desfastio, dispensou a orgia das ruas ou dos barcos.

Em contraste, em passagens integradas no livro *Paisagens da China e do Japão* (Moraes, 1906), tal como em algumas *Cartas* (Moraes, 1904/1977), encontram-se personagens femininas chinesas com atributos físicos e morais notáveis, como por exemplo Ko-Ngai, bela e de bom coração (Pacheco Pinto, 2013: 478), podendo-se portanto verificar que a visão chinesa que perpetua no imaginário de Moraes é algo simultaneamente belo e causador de repulsa.

O feminino foi, para Wenceslau de Moraes, um dos principais temas de escrita. O autor conseguiu entender as várias diferenças de classes existentes na época e as suas relações, observando que não havia um feminino homogéneo nem na China nem em Macau. Sendo um homem de natureza sensível e observando como a sociedade chinesa e estrangeira se comportava perante o sexo feminino, não conseguiu evitar sentir compaixão pelas mulheres. As tancareiras de pele bronzeada, apesar de serem maioritariamente boas de coração, eram facilmente vítimas de assédios e infortúnios. O seu trabalho, navegando pelos rios durante todo o dia, era árduo e cansativo. As *half-castes*, nascidas de amores reprimidos na época, não tinham uma comunidade na qual se sentissem completamente inseridas. Não eram ocidentais nem orientais, devido à mistura de sangue, e, como consequência, eram alvo de discriminação por parte de ambos os povos. As chinesas eram mulheres que também atraíam a compaixão de Moraes, pois apesar de frequentemente terem criadas a auxiliar nas tarefas domésticas, raramente saíam de casa, devido a tradições antigas que tornavam os seus pés incapazes de percorrer longas distâncias. Se, porventura, estas mulheres não estivessem sob a proteção de um esposo e, por outro lado, submetidas aos caprichos deste, facilmente cairiam em desgraça e a sua vida não seria, de todo, fácil.

3.2. A sociedade

A sociedade chinesa em que Wenceslau de Moraes se enquadrava encontra-se, tal como o mundo feminino, descrita nas obras do autor. O império oriental era algo exótico e novo para o Moraes que tinha acabado de chegar a um lugar tão longínquo do seu país. Como qualquer pessoa que tenha viajado e vivido num país com uma cultura diferente da sua, sofreu um choque cultural ao observar comportamentos e coisas diferentes do

quotidiano a que estava habituado. Assim sendo, registou aquilo que lhe chamava a atenção e as suas experiências.

3.2.1. De Cantão e Macau

Segundo a interpretação de Moraes, as cidades da China do final do século XIX eram grandes centros populacionais, onde a miséria transbordava por causa do excesso de gente, e a apatia da população era a norma (Moraes, 1895/1946: 9).

Cantão era uma cidade com cerca de dois milhões de habitantes (Moraes, 1895/1946: 54), composta pela cidade terrestre e, nos locais onde a terra transbordava de população, pela cidade que se formava no rio, havendo uma mistura de bairros de tijolos e cabanas anfíbias de madeira, que tornavam a cidade comparável a Veneza (Moraes, 1895/1946: 29). A cidade não tinha edifícios grandes, à exceção da catedral de origem francesa e dos pagodes chineses. Era permitido aos estrangeiros praticar o comércio, sendo por isso, uma cidade bastante ativa, com ruído a encher todas as ruas (Moraes, 1895/1946: 30). O comércio não se limitava à terra, mas também existia no meio aquático, através dos tancás. Quando a população trabalhadora adormecia, dava-se espaço aos tancá-flores, embarcações de divertimento que continham salões iluminados e decorados com sedas, flores e porcelanas. Nestes espaços os clientes ouviam música, conversavam com acompanhantes e fumavam ópio, devotando-se ao ócio até ao amanhecer. Para Moraes, Cantão, juntamente com o seu rio, era onde a miséria das sociedades asiáticas manifestava as suas mais grandiosas feições, com as suas ruas apinhadas, com as passagens improvisadas pelas águas repletas de mendigos, de cheiros de comida e de mercados (Moraes, 1895/1946: 33). No entanto, também admitia que Cantão era “para o viajante europeu, a maior curiosidade da China” e uma das grandes maravilhas do mundo (Moraes, 1895/1946, 1933: 35, 59).

Macau era, segundo Moraes, uma amálgama de casas negras chinesas e de vielas, com animados bazares. O povo da cidade era essencialmente composto por um elevado número de chineses, que segundo o autor, pouco fariam, e alguns milhares de portugueses que se concentravam sobretudo em intrigas, ao invés de evoluírem e dinamizarem a cidade de Macau (Moraes, 1904/1977: 81). Esta era considerada uma cidade limpa, com um bom sistema de saneamento relativamente às cidades em seu redor. Possuía policiamento regular e não havia falta de serviços de saúde. Para o autor, o maior defeito

de Macau residia no seu porto, que estava com um aspeto lamentável (Moraes, 1904/1977: 85). Apesar disso, abundavam as embarcações, rodeadas por centenas de tancás (Moraes, 1895/1946: 40). Havia um limitar de fronteiras incerto durante o período em que Moraes se encontrava na Cidade do Nome de Deus, e ainda após a sua partida. Em 1908, Wenceslau de Moraes escreve ao seu amigo Dias Branco (Moraes, 1933: 79):

Mas porque é que não cuidamos nós de defenir uma vez por todas os limites de Macau? Sorri-nos uma situação mal assente, mas que traz serios inconvenientes na prática.

Este limite era chamado de *Terreno neutro*, segundo o autor, sendo este local usado pelos macaenses e pelos chineses para enterrar os seus defuntos (Moraes, 1895/1946: 44).

Neste território português havia, como já foi anteriormente referido, bairros indígenas, sendo um deles a *Rua da Felicidade*, da qual o autor nos forneceu a sua visão. Neste bairro as casas era baixas, de tijolo preto e de aparência pobre. Possuía alguns pequenos restaurantes, uma ou duas casas de jogo, uma repartição de polícia, uma farmácia chinesa e uma casa de penhores. No entanto, ao contrário dos bairros chineses comuns, este não era abundante em atividade comercial. A visão do autor concentra-se maioritariamente nas habitantes deste bairro, as mulheres, que eram vendidas para ali se prostituírem (Moraes, 1895/1946: 51). Devido a este facto, considerava sarcástico o nome dado à rua (Moraes, 1895/1946: 53):

Rua da Felicidade? Ai, já percebo: sarcastica irrisão d'este letrado!... As creancinhas na China, medradas na crápula onde emparceiram o vicio e a fome, vendem-se por pouco preço, dão-se, furtam-se. Transportadas depois a estes viveiros de cultura (...) E floresce enfim a puberdade, e chamam-se mulheres!...

Ai, Rua da Felicidade! Rua da Felicidade! és o carcere de muitas centenas de almas, que chafurdam irremediavelmente no teu lodo.

Moraes descreve, ainda, o hospício de leprosos que existia a pouca distância de Macau. Segundo o autor, os dois asilos, um para os homens, outro para as mulheres, eram

“as únicas instituições d’este género em toda a China” (Moraes, 1895/1946: 91). O asilo das mulheres erguia-se na ilha de Coloane (路环岛, *Lùhuándǎo*) e era uma casa baixa de pedra e cal. O asilo masculino encontrava-se numa ilha próxima, tendo a forma de uma pequena aldeola, onde os homens leprosos se dedicavam à agricultura. Segundo o autor, os leprosos não podiam sair dos seus asilos e, como consequência, estavam impedidos de praticar o comércio para se sustentarem. Eram, portanto, sustentados ocasionalmente por Macau (Moraes, 1895/1946: 92).

Macau é, para o autor, um ponto português algo negligenciado, mas que poderia tornar-se um importante posto de comércio, chamando a atenção para esta colónia portuguesa aos negociantes da sua pátria, conforme escreve para *O Comércio do Porto*⁴⁵ (Moraes, 1904/1977: 94):

Indiquei tornar-se necessário que os negociantes portugueses do reino prestem atenção a esta desprezada colónia, vindo alguns estabelecer-se em Macau e desenvolver neste meio as suas energias benéficas.

No jornal, por várias vezes escreve sobre Macau e a sua potencialidade, aconselhando formas de expandir a influência e o comércio desta colónia, como, por exemplo, através da drenagem do porto e do cuidado dos seus armazéns (Moraes, 1904/1977: 96, 105).

As cidades das quais Moraes fornece uma visão a Portugal — Cantão e Macau —, apresentam uma imagem ao mesmo tempo fascinante e de miséria. Wenceslau de Moraes admite a grandiosidade da cidade de Cantão e considera-a como uma grande maravilha. Macau era um território português e um local onde Moraes viveu e, como consequência, o autor nutria carinho pela mesma, desejando que esta não fosse esquecida pelos seus conterrâneos (Moraes, 1904/1977: 104).

⁴⁵ *O Comércio do Porto* era um jornal fundado em 1854, originalmente sob o nome *O Commercio*. Durante o período em que Wenceslau de Moraes foi Cônsul, teve a oportunidade de escrever vários artigos sobre a situação do Extremo Oriente para este jornal. A sua última tiragem ocorreu em 2005. [https://www.infopedia.pt/\\$o-comercio-do-porto](https://www.infopedia.pt/$o-comercio-do-porto) Consultado a 12 de abril de 2017.

3.2.2. Costumes chineses

Durante a sua estadia na China, Wenceslau de Moraes apresentou várias faces da cultura chinesa a Portugal. Mostrou aos portugueses hábitos de vida diária e festividades de um povo que se encontrava a milhares de quilómetros de distância da sua terra pátria.

O beijo foi, para Wenceslau de Moraes, um motivo de surpresa e de choque, pois no Império chinês não era habitual a população demonstrar afeto através do beijo europeu (Moraes, 1895/1946: 19):

E imaginar a gente, que ha um imperio (...) onde, segundo todas as probabilidades, nunca estalejou o ruido sonoro de um beijo!

Tal facto foi chocante para o autor, geralmente caracterizado pela sua sensibilidade e levou-o a considerar o povo chinês como bárbaro e excêntrico. No entanto, referiu-se ao equivalente ao beijo europeu, o aspirar do odor da pessoa, como algo também gracioso (Moraes, 1895/1946: 19):

Antes de acolhermos com uma gargalhada esta extravagancia, digna sem dúvida dos filhos do Celeste Imperio, é justo conceder um nadinha de gentil, de delicado, ao beijo chinez, embora o engeitemos resolutamente dos nossos [*ocidentais*] usos, pois bem nos basta o nosso.

Moraes retrata o povo chinês como bastante supersticioso. Segundo o autor, os chineses acreditavam que o dragão chinês (龍, *Lóng*) era o sinal de suprema força e audácia, sendo o responsável por desastres como as trombas marinhas (Moraes, 1895/1946: 102). Acreditavam também que os eclipses da lua eram originados por um sapo gigante que a desejava engolir; para evitar o desastre, subiam para os telhados das casas e faziam ruído com panelas ou outros instrumentos (Moraes, 1895/1946: 119).

Wenceslau de Moraes também conta outras superstições e crenças, tais como a capacidade de Buda curar doenças, através de papéis com inscrições, obtidos em templos

e pagodes budistas (Moraes, 1895/1946: 87), ou ainda a crença em Pau-man-chen⁴⁶ (包文正, *Bāo Wénzhèng*), venerado por todo o império asiático por distinguir todo o bem do mal (Moraes, 1906: 100).

Para além destas crenças, Moraes apresentou ao povo português três festividades diferentes: o casamento, o ano novo chinês e o Festival Qingming (清明, *Qīngmíng*).

A breve descrição do casamento chinês surge no primeiro conto de *Paisagens da China e do Japão*, dedicado a Moreira de Sá (Moraes, 1906: 5):

Soam bategas festivas, estalejam nos ares fogos de gala, de alegria; e pela longa estrada em ziguezague, bordada aqui e allí de bambus e bananeiras, doirada pelo sol do meio dia, serpea em rutilantes teorias o monumental cortejo do noivado, caminho do lar feliz.

O estylo de há mil annos é o mesmo estylo de hoje. São os grandes balões, os estandartes, conduzidos por moços vestidos de vermelho.

Como o autor refere, a descrição do casamento, no conto, era semelhante à da época em que Moraes vivia, sendo portanto dado a conhecer um festejo animado, ruidoso e feliz, no qual o vermelho, cor da felicidade na China, era a cor dominante.

O ano novo chinês também se encontra descrito em *Paisagens da China e do Japão*. O autor regista que o ano novo chinês se celebra num momento diferente do europeu, no fim do ano lunar (Moraes, 1906: 20), e descreve como o celebravam os chineses em Macau (Moraes, 1906: 21):

Meia noite. Ao meu obscuro albergue, chega, de além dos bazares, o ruído da bombardada amotinadora dos foguetes, e das mil e mil embarcações fundeadas no porto o clamor ovante das bategas, vibradas pelas mãos rudes das companhas...

Apesar deste momento constituir uma ocasião de grande festa, o autor optou, então, por permanecer na sua habitação, não tendo presenciado os ditos festejos. A propósito

⁴⁶ Conhecido também como Bao Zheng (包拯, *Bāo Zhèng*), Bao Gong (包公, *Bāogōng*) ou ainda como Bao Qingtian (包青天, *Bāo Qīngtiān*). Em Macau o templo Bao Gong (包公廟, *Bāogōng miào*) é-lhe dedicado.

dos quais diz que os chineses costumavam fazer preces aos deuses, solicitando um bom ano, lavavam as suas casas, decoravam os altares dos deuses, tal como as portas e janelas, com papéis de cor encarnada (春联, *Chūnlián*) (Moraes, 1906: 28).

O Festival Qingming corresponde ao momento no qual os mortos são honrados na China. Wenceslau de Moraes retrata como é celebrado em Macau em 1890. Na data, a 5 de abril, a população chinesa dirigia-se até ao *Terreno neutro* para prestar homenagem aos seus mortos. Explica aos seus leitores que a maior devoção chinesa era o respeito pelos antepassados e, portanto, todos os chineses os celebravam imensamente. Surpreende os leitores ao descrever os banquetes que os chineses ofereciam em frente aos túmulos. Porém, considera esta festividade séria, pedindo aos seus leitores para não se rirem, apesar de poderem achar a situação ridícula (Moraes, 1895/1946: 45).

O imaginário de Moraes relativamente à sociedade chinesa evoluiu à medida que o autor se ia adaptando ao país que habitava. Inicialmente, a imagem do povo oriental era algo de fascinante, progredindo depois para algo mais triste e negativo. Tinha curiosidade pelo povo chinês, tentando compreender e aceitar os seus costumes, e pedia aos seus leitores também a aceitação das diferentes práticas:

Peço que não se riam. Nas credices de todos os povos, ao lado dos ridículos grotescos, ha a afeição ingenua, boa; e esta não merece a gargalhada do nosso sarcasmo. (Moraes, 1895/1946: 45)

Os meus vizinhos fronteiros são chinas, graças a Deus. Sem o minimo ponto de contacto com o meu modo de ser, interessados dissemelhantemente na vida, pelos usos, pelos habitos, pela lingua, pelos affectos (...) confesso-o aqui entre nós – proporciona-me o ensejo, esta boa gente chinesa, de em horas de fastio distrahir-me em devassar-lhe a intima existencia; condemnavel egoismo o meu, em que me pese dizel o... (Moraes, 1895/1946: 62)

Também achava os locais por onde passava fascinantes (Moraes, 1895/1946: 35): “O Chu-kiang ou rio de Cantão é talvez, para o viajante europeu, a maior curiosidade da China.”

À medida que o tempo passa em Macau, a sua visão da China vai ficando cada vez mais negra. No *Dai-Nippon* escreve (Moraes, 1897/1993b: 48):

Vejam o que se chama uma aldeia chinesa, o que se chama uma cidade chinesa. É um charco de imundícies, de onde emerge a casaria negra, húmida de bolores pestíferos. (...) Como a grande preocupação é comer, eis os bazares intermináveis (...) ao fundo da baiúca o vendilhão em gestos, passando à clientela os seus artigos, asqueroso, horrível, indecente, com o busto nu, com o grande ventre à vista, como uma imensa abóbora... De sorte que a mesma abundância reveste aqui um aspecto de coisa vil, que tenta a moscaria, que tenta o indígena, mas que dá náuseas à gente, como se fora um montão de esterco.

Também a vontade de se embrenhar no seio do povo chinês diminui. No seu livro de 1906, *Paisagens da China e do Japão*, ao escrever sobre o ano novo chinês, mostra a sua falta de força de vontade para ir assistir à festa chinesa (Moraes, 1906: 21):

Mas está tanto frio, e as bagas de agua zurzem-me tão desapiedadamente os vidros das janelas... E, peor do que isto, é o frio da alma, é a apathia enervante do meu espirito, é o sorriso amargo que me enruga os labios, provocado por esse mesmo jubilo do enxame, que aqui me retêm e me impedem de tambem ir galhofar.

Não, decididamente não serei da festa.

Durante a estadia no Japão, o seu sentimento perante esta sociedade suaviza. As referências ao Império do Meio nas suas obras são mínimas, escrevendo essencialmente sobre o Japão. Porém, podem ser encontradas algumas opiniões nas cartas que escreveu. Em 1905 confessa a Dias Branco (Moraes, 1933: 35): “Desejando-lhe saude n’esse nosso cantinho de Macau, que não é muito desagradavel, rogo me creia”; em 1906 declara ao mesmo destinatário (Moraes, 1933: 42): “A China e os chinezes estão bem longe de valerem o Japão e os japonezes; mas olhe que a China e os chinezes tambem merecem interesse e sympathia”; ainda em 1907, escreve (Moraes, 1933: 67): “E vio a China, ficou conhecendo um pouco esta alma Asiatica, tão mysteriosa, tão interessante e por vezes tão mal julgada.”

A visão da sociedade chinesa que Wenceslau de Moraes transmitiu aos portugueses foi produto da sua vivência e adaptação no país asiático. Mostra ao público várias façanhas positivas e negativas daquele povo. Moraes deixou-se embrenhar, durante os cerca de dez anos que esteve na China, por aquilo que lhe era incomum.

3.3. Os colonizadores estrangeiros

Durante o século XIX, após a primeira Guerra do Ópio, cada vez mais ocidentais se dirigem para a China, com o intuito de negociar naquele país, que tanto tinha de diferente para oferecer. Estes estrangeiros não passaram despercebidos ao olhar de Wenceslau de Moraes. As suas ações foram vistas pelo autor e posteriormente descritas nas suas obras e correspondência.

Wenceslau de Moraes, enquanto marinheiro, nutria especial carinho pela vida marítima e por aqueles que faziam no mar o seu dia-a-dia. O autor considerava os marinheiros gente de bons sentimentos, prestáveis a ajudar em todos os problemas (Moraes, 1895/1946:76). Enquanto comandante, mantinha a disciplina através da sua simpatia para com os seus subordinados (Inso, 1933: 329).

Os marinheiros no sul da China geralmente trabalhavam seis dias por semana, tendo apenas o domingo como dia de descanso. Desembarcavam e iam passear e comercializar os seus produtos, repondo as suas provisões de tabaco e de sabão. Costumavam também ir divertir-se para as tabernas, para os salões de jogo ou para as casas de prostituição (Moraes, 1895/1946: 76). Durante estas horas de folia, possivelmente graças ao facto de se encontrarem embriagados, também era frequente causarem distúrbios, atacando os chineses incautos. Como foi anteriormente referido, era frequente os marinheiros relacionarem-se com as tancareiras. Estas auxiliavam os marinheiros a voltarem à embarcação após as horas de folia e ajudavam no dia-a-dia.

Apesar de Wenceslau de Moraes nutrir alguma simpatia pelos marinheiros, não se pode afirmar que o mesmo se passava em relação aos estrangeiros, em geral. Aliás, o autor condena explicitamente os ocidentais por imporem a sua cultura, tal como se pode observar no artigo publicado no jornal *O Comércio do Porto*, em abril de 1906 (Moraes, 1907/1985: 286):

Hoje, já não é lícito admitir-se que a nossa civilização ocidental vá civilizar à nossa imagem o africano, ou o índio, ou uma tribo qualquer avassalada. O que ela consegue, quando consegue – e já é muito em benefício do ocidental – é reprimir-lhe os ímpetos de revolta, incutir-lhe a resignação e passividade.

(...)

Deixando os Negros, os Índios, os Malaios e tantos outros povos, aos quais o branco impõe as suas leis de usurpador, restrinjamos as nossas considerações às colónias asiáticas, especializando ainda de entre elas as extremo-orientais. Quereis que não chamemos actos de imoralidade à posse de Macau pelos Portugueses, à posse de Hong-Kong pelos Ingleses, à posse da Indochina pelos Franceses, à posse de Quiaucheu pelos Alemães, etc.? Pois seja assim. Mas chamemos desde já actos de temeridade a conservação de tais domínios...

Condena ainda os ocidentais que consideram o povo chinês cheio de ódio, quando tinham sido eles a atear esse mesmo ódio. Em resposta a um artigo escrito pelo político francês Lanessan, escreve para *O Comércio do Porto* (Moraes, 1904/1977: 201):

- Um outro ponto a considerar é o ódio que professam pelos ocidentais (pobres ocidentais! como se o ódio não fosse recíproco...) os chineses e os japoneses.

(...)

Mas, já que se falou, aprenda-se a conhecer como a norma de procedimento dos ocidentais tem por assim dizer primado em conservar, em atear tal ódio.

(...)

Primeiro a China. A primeira agressão séria que a China sofreu da parte da Europa foi-lhe infligida pela Inglaterra, por o governo chinês se ter recusado à entrada do ópio inglês no seu solo, ópio que manifestamente lhe vinha envenenar e dizimar a população, como agora está sucedendo. Venceu a Inglaterra, tomou-lhe Hong Kong à viva força, entrou o ópio. (...) E começaram as chamadas esferas de influência, e outros pedaços de terra foram arrancados à pátria, e criaram-se Kian-chan, e Porto-Arthur, e Wei-hai-wei, e a Rússia russifica (leia-se crucifica) a Manchúria, e mais e mais.

A visão que Moraes possuía dos estrangeiros na China era sobretudo negativa. Achava que eles eram a maior causa de infelicidade dos chineses, como escreveu ao seu amigo Dias Branco em 1906 (Moraes, 1933: 56). Achava também que as relações entre os ocidentais e os chineses deveriam ter sido somente comerciais, “pondo absolutamente de parte o pseudo-carinhoso intuito de nos [os ocidentais] arvorarmos em educadores, (...) respeitando pelo contrário a civilização alheia e a integridade do sólo que não era nosso” (Moraes, 1905: 70). Adverte da falta de conhecimento dos ocidentais, em especial dos portugueses, da cultura e forma de agir chinesa e, por essa razão, teme que Macau sofra consequências (Moraes, 1933:87):

Que conhece elle [*tenente coronel Roçadas*⁴⁷] do Extremo-Oriente? Ser-se valente não é requisito recomendável para tratar com chineses. Por fatalidade, parece que as relações de Macau com as auctoridades chinezas complicam-se de dia para dia; aquelle grande Imperio vae abrindo muito os olhos; e não será de espantar, se formos nós os primeiros a sofrer com semelhante desenvolvimento. E que temos nós feito para estreitarmos relações com a China?...

Wenceslau de Moraes não nutria grande afeto tanto pelos macaenses como pelos funcionários de Macau, achava-os, em geral, arrogantes e rudes (Moraes, 1933: 42, 113). Ao mesmo tempo que descreve Macau como cativante, apresenta uma imagem claramente negativa do seu governo e da sua gente (Moraes, 1933: 67):

Macau mesmo nos enternece e nos captiva, embora ande em geral tão mal governado e a sua população nativa deixe tanto a desejar.

Os estrangeiros, de um modo geral, não são mal vistos por Moraes, exceto se tivessem apenas a intenção de explorar os nativos, o que é muito claro na sua correspondência pessoal, particularmente crítica em relação ao assunto. A esse propósito, não deixa de ser interessante assinalar que, com exceção de uma ou outra crítica aos

⁴⁷ O tenente-coronel José Augusto Alves Roçadas nasceu em 1865 e faleceu em 1926. Serviu em Angola como chefe de estado-maior entre 1897 e 1900. Foi governador do distrito da Huíla em 1904. Em 1908 foi nomeado comandante interino do corpo Expedicionário Português em França e promovido a general (“Roçadas, José Augusto Alves”, 1985: 351).

ocidentais, os artigos publicados pelo autor em *O Comércio do Porto* insistem em chamar a atenção para o potencial comercial de Macau, enfatizando as relações comerciais entre Portugal e o Japão através daquele território. Enfim, Moraes, revelando fascínio pela China, não deixa de manifestar o desejo de que este país conseguisse preservar aquilo que constituía a sua identidade (Moraes, 1933: 89) e, por outro lado, de criticar os ocidentais por pretenderem impôr a sua cultura, ao invés de tentar estreitar as relações diplomáticas.

3.4. Notícias da guerra

Moraes sempre se interessou pelos acontecimentos mundiais, e em especial por aqueles que decorriam no Extremo Oriente. O autor comenta a primeira guerra sino-japonesa e as suas possíveis consequências. No Japão, observa as guerras na Manchúria e as disputas entre os vários países ocidentais com a comunidade chinesa e japonesa, descrevendo e comentando os acontecimentos n’*O Comércio do Porto*.

Em 1894, aumentam as tensões entre a China e o Japão. O Japão, sob o pretexto de auxiliar a Coreia, lança-se contra a China. Segundo Moraes, que se encontrava em viagem no Japão à data dos confrontos, os europeus que se encontravam na nação do *Sol Nascente* condenavam em geral o procedimento japonês, porém, para o autor, o juízo europeu não é adequado para a medição das circunstâncias asiáticas: “N’este Extremo Oriente, o juízo europeu não logra discorrer com inteira clareza” (Moraes, 1895/1946: 258). Através da sua escrita, o autor mostra aos seus leitores que a rivalidade entre os dois países é secular, contando que o Japão já foi tributário da China, mas que à data da guerra se encontrava altivo e com desdém pela sua antiga tutora. Moraes escreve sobre a possibilidade de este ser o momento único para o Japão conseguir atacar “esse imenso rival, inofensivo porque hiberna ha longos seculos n’uma apathica nostalgia de reptil” (Moraes, 1895/1946: 258), pois enquanto o Japão se transforma, a China continua embrenhada no passado. O autor ainda indica aos seus leitores que inicialmente se acreditava que a China venceria os confrontos, devido à astúcia do povo chinês para inventar armadilhas, e no uso de táticas, assim como à superioridade numérica que o seu exército possuía. Porém, no Japão ouvia também murmúrios das vitórias japonesas (Moraes, 1895/1946:262). Wenceslau de Moraes ainda comenta os possíveis resultados que dessa guerra, afirmando que, se o Japão a vencesse, não conseguiria, em caso algum,

absorver a China, podendo contentar-se, quando muito, em apreciar a vitória. A China da dinastia Qing iria cair e o seu território seria dividido entre as potências ocidentais. Acreditava que, se a China vencesse, o Japão desapareceria (Moraes, 1895/1946: 264).



Figura 13 - À porta de Pyongyang, durante a guerra sino-japonesa⁴⁸

Em 1903, com a insistência da Rússia em manter as suas tropas na Manchúria, no nordeste da China, as relações entre o império moscovita e o império japonês tornam-se tensas, pois o Japão considera-se ameaçado pela força russa. O autor dá a conhecer ao leitor português que a Rússia impunha convenções à China, as quais os chineses não tinham outra hipótese senão aceitar, ocupando os russos o território chinês por um período limitado de tempo (Moraes, 1904/1977: 179). Contudo, passado esse prazo, ou seja, 8 de outubro de 1903, os russos continuaram a ocupar território chinês. Segundo o autor, a Rússia, através destas ações e da construção do transiberiano, ameaçava a China (Moraes, 1905: 30). A China não se insurge perante a ocupação, não só se encontra alheada da vida mundial, com todos os inconvenientes de tal opção, como “nem forças encontra em si para repelir os ultrajes de que é vítima” (Moraes, 1904/1977: 182). Em contrapartida, acha que, para não quebrar o seu prestígio, o Japão tem o direito de se insurgir. Assim, em 1904, a guerra entre a Rússia e o Japão rebenta, depois de os russos não terem

⁴⁸ O exército chinês vestido de azul e o japonês de preto. Moraes descreve que, durante a guerra sino-japonesa, em cada canto havia estampas alusivas a batalhas. “Em taes estampas (e algumas possuo eu), que crueldade do grotesco, e tambem que habil brado humoristico, no pinc

el que em dois traços caricaturisa o pobre china voando ao sopro d’uma granada, pernas para o ar, olhos esboghados, careta de morte, rabicho fluctuando ao vento como uma lombriça que se contorce!...” (Moraes, 1895/1946: 261) http://www.europeana.eu/portal/en/record/91643/SMVK_OM_objekt_109204.html?q=sino+japanese+war Consultado a 20 de abril de 2017.

reconhecido a soberania chinesa na Manchúria, insistindo em manter as suas tropas naquele território. Para os japoneses esta falta de reconhecimento era uma ameaça, pois a Manchúria era um território estratégico para os japoneses, atendendo aos seus interesses na península coreana (K. Henshall, 2008: 131).

Os comentários sobre a guerra que Wenceslau de Moraes tece são sobretudo sobre a força que o Japão tem em comparação à força chinesa. Passa a imagem aos seus leitores portugueses de que o dragão chinês se encontra adormecido, deixando-se vitimizar pelas outras nações. Refere ainda aos seus leitores que só uma nação tinha alcançado o ideal da paz, o ideal que todas as nações desejavam, e que essa nação era a China, que, apesar de tudo, continuava a ser escarnecida pelas civilizações ocidentais e “invadida por legiões de cubiçosos, espoliada dos seus domínios...” (Moraes, 1905: 232).

A visão da China de Wenceslau de Moraes é uma visão multifacetada, cheia de pontos positivos e pontos negativos. O autor observa as maravilhas da civilização oriental e é na China que pela primeira vez se sente realmente fascinado e em casa. O interesse pela China consome-o, não se esquecendo do Império do Meio mesmo depois de se encontrar a viver em território japonês. Enfatiza a importância que Macau poderá ter para Portugal nas relações comerciais com o Japão e com o Extremo Oriente. Se é certo que sente repulsa pelo *apático e sujo povo chinês*, também lamenta que este seja vítima das potências ocidentais, as quais aproveitavam a dita apatia em seu benefício. Wenceslau de Moraes via no Japão uma expressão do renascimento dos asiáticos e no império japonês o único estado da região que conseguiria resistir à expansão ocidental. A China foi para Moraes um importante ponto de transformação, tendo a sua visão sido gradualmente transmitida aos portugueses através das suas obras e artigos.

4. Pontos de confluência e divergência entre a visão da China e a do Japão

Wenceslau de Moraes era um apaixonado pelo Extremo Oriente. Decidiu que habitaria a Ásia e ficaria naquele continente até ao final da sua vida. Houve dois países que o fascinaram, onde realmente se sentiu em casa, além do longínquo Portugal, dois países nos quais encontrou as suas paixões: a China e o Japão. A visão que Moraes tem destes dois países é muito diferente, pois tal como hoje em dia, ambos eram contrastantes, apesar da sua proximidade geográfica. Como consequência, haverá sempre pontos de confluência e de divergência que poderão estar associados a estas visões.

Wenceslau de Moraes habitou Macau entre 1888 e 1898. Durante esse espaço de tempo realizou várias viagens ao Japão, tendo posteriormente habitado no país do Sol Nascente desde 1898 até ao ano da sua morte, em 1929. Ou seja, habitou na China, com várias interrupções, durante 10 anos, e no Japão cerca de 31 anos. Assim sendo, poderá facilmente assumir-se que a experiência e o aprofundamento cultural que Moraes sentiu no Japão são superiores aos que viveu na China, sendo, portanto, natural que a informação que transmitiu do Japão seja mais abundante, mais selecionada e mais cuidada que a informação que transmitiu da China. Sendo mais novo, o autor prende-se a aspetos mais superficiais, alguns vulgares e até com traços de comédia, mas também cheios de vivacidade, como, por exemplo, os que retrata no seu primeiro livro, de 1895, *Traços do Extremo Oriente* (Moraes, 1895/1946).

Com as experiências que lhe foram surgindo e com o avançar da idade, a sua escrita amadurece, evoluindo para algo mais profundo, deixando as imagens mais banais e superficiais do país e estudando a cultura e a história, como fez nos livros *Relance da Alma Japoneza* (Moraes, 1925) e *O Culto do Chá* (Moraes, 1905/2007), entre outros que escreveu no Japão.

O Japão foi, desde o início, o lugar de honra de Wenceslau de Moraes. Desde a primeira vez que o visitou que ficou maravilhado com o país. Em 1889 escreve a sua irmã Emília (Moraes, 1944: 30):

Estou n'um país delicioso, o Japão. Era aqui, em Nagasáqui, que eu desejaria passar o resto da minha vida, à sombra d'estas árvores que não têm parceiras

no Mundo. (...) Deixo com saudade este torrão abençoado por Deus, cheio de paisagens adoráveis, cheio de flores, cheio de sorrisos; terra feita para a alma se recolher em doces pensamentos, e para o espírito cansado da vida poder ainda purificar-se e elevar à Providência um agradecimento.

Em contrapartida, a China era “o país da desolação e da angústia”, um “charco de imundícies de onde emerge a casaria negra, húmida de bolores pestíferos” (Moraes, 1897/1993b: 47-48), onde havia “Miseria paciente, que não murmura; cadáveres boiando nos rios, descendo com a vasante, subindo com a enchente; sede saciada nos charcos, fome nos monturos; nupcias nos antros, sem sorrisos; creancinhas arrastando os ventres no lodo, como sapos...” (Moraes, 1895/1946: 10). Era um lugar de gente que “não tem ideal”:

Ama os mortos; (...) Com respeito aos vivos, medra na lei de expoliá-los, de roubá-los, de vendê-los, de escravizá-los, de torturá-los, de matá-los; escraviza-se a si própria, vende-se a si própria, mata-se a si própria, com um desamor pelo conforto e pela existência, que já não é coragem. (Moraes, 1897/1993b: 48)

Para o autor, ir da China para o Japão denota progresso: “É sair de uma caverna e entrar num jardim” (Moraes, 1897/1993b: 48). O contraste entre os dois países era surpreendente, sendo o Japão composto por maravilhas e deslumbramentos, enquanto a China era hostil e, tal como Pierre Loti⁵⁰ afirmou, “o inferno amarelo” (Moraes, 1895/1946: 159).

O estudo aprofundado da história e da cultura japonesas revela-nos o afeto de Wenceslau de Moraes pelo Japão e, ao mesmo tempo, testemunha o valor que o autor atribuía à antiga cultura chinesa. Ao longo desse estudo, refere várias vezes que a nação japonesa assimilou várias tradições chinesas: “Os japonezes devem quasi todos os seus velhos costumes á civilização chinesa” (Moraes, 1916:335). À China devem o próprio budismo (Moraes, 1925: 53) — “Foi n’esta altura, em tempo proprio, pelo nosso seculo VIII, que o buddhismo, tal como se professava na China, fez a sua aparição no solo do

⁵⁰ Pierre Loti era o pseudónimo de Louis-Marie-Julien Viaud, marinheiro e escritor francês. Nasceu em 1850 e morreu em 1923. Publicou várias obras de contexto asiático, por onde navegou enquanto marinheiro (“*Loti, Pierre*”, 1993: 489).

Nippon” —, assim como a escrita (Moraes, 1925: 30): “...empregando symbolos graphicos, syllabicos, que os japonezes inventaram, ou então os caracteres ideographicos, não syllabicos, formosissimos mas complicadissimos, que os japonezes adoptaram dos chinezes”.

O autor admite que o Japão e a China revelavam várias semelhanças, principalmente nos locais menos tocados pela civilização ocidental, tal como é o caso de Tokushima (Moraes, 1916: 74):

Com effeito, para quem haja visitado já a China, em particular a China meridional, e se encontre em Tokushima, muitas vezes – fallo por experiencia propria – se verá tentado a exclamar: - «Lembra isto um jardim de Macau; lembra aquilo uma viella de Cantão». – Mas não é só Tokushima que inspira semelhantes commentarios; póde mesmo dizer-se, de uma maneira geral, que qualquer povoação japoneza, ou se alastre pelos campos ou assente á beira dos rios ou dos canaes, quando ainda mal tocada pela moderna civilisação que vem da Europa, nos dará sempre a impressão, embora fugidia, de um scenario chinez.

A imagem que Moraes moldou da China, em comparação com a do Japão, decorre, naturalmente, da situação vivida em cada um desses países. Como já foi referido anteriormente, a China tinha vindo a ser alvo da intrusão ocidental, sem se conseguir adaptar rapidamente aos europeus e americanos. A China, segundo Moraes, era um grande dragão adormecido (Moraes, 1946: 259). Por outro lado, o Japão tinha-se adaptado rapidamente desde a abertura do país, abraçando e acolhendo as tecnologias ocidentais e reformando o exército à imagem dos das potências ocidentais (Henshall, 2008: 141). Em consequência, o aspeto que a China oferece a Moraes é mísero, pobre e triste, sob o controlo fraco dos Qing, enquanto o Japão se apresenta como uma nova potência emergente, forte e rejuvenescida, sendo por isso mais atraente aos olhos do autor.

A mulher, sempre presente na sua escrita, também oferece contrastes na visão de Moraes. Na China, as raparigas poderiam ser alguém “sem viço de mocidade” com “faces tismadas pelo sol, mãos rugosas e negras como galhos de arvores” (Moraes, 1946: 32), mestiças com uma beleza sedutora, mas nelas, “observadas de perto, ha traços que ferem, minudencias que chocam” (Moraes, 1946: 82), ou ainda poderiam ser “impagaveis bonecas! que deliciosos grupos para motivos de jarra ou de fauna de leque” (Moraes,

1946: 63), havendo assim um grupo heterogêneo de mulheres chinesas para Moraes, umas mais atraentes e outras menos. No Japão esta heterogeneidade não se encontra tão facilmente, pois a mulher japonesa, a *musume*, “seja ella a mais humilde filha do povo, se é nova, é gentilissima; uma rapariga feia é rara excepção d’esta regra” (Moraes, 1946: 168). É, segundo Wenceslau de Moraes, “a mulher mais gentil do mundo inteiro. (...) é um mimo de frescura, de gentilezas mínimas, de encantos vagos, de distinções; e são assim, todas as raparigas; dos doze aos vinte anos não há mulheres feias no país do Sol” (Moraes, 1897/1993b: 150). Enquanto a mulher chinesa provoca atração e repulsa ao autor, a mulher japonesa desperta simplesmente atração. Uma exceção nesta opinião são as *half-castes*. Para Moraes, a mulher mestiça japonesa não se compara à mulher japonesa, ao contrário da mestiça chinesa que traduzia-se “geralmente numa chistosa rapariga grácil, de enlevos vagos e sedutores” (Moraes, 1897/1993b: 181). A mestiça japonesa era “ordinariamente menos gentil do que a mãe, por vezes feia” (Moraes, 1897/1993b: 181), sendo que ao vê-las o autor se sensibilizava e se entristecia, pois considerava-as o produto de um capricho e não o resultado de uma evolução (Moraes, 1897/1993b: 181).

Para Wenceslau de Moraes, a China e o Japão representavam dois mundos fascinantes. Eram semelhantes: eram vizinhos na Ásia, a sua cultura tinha a mesma base e eram ambos países exóticos para o olhar de um europeu. Considera o chinês e o japonês irmãos que “compreendem-se, entendem-se, têm mesmo interesses solidários” (Moraes, 1897/1993b: 200). Mas também representavam a disparidade, com grandes diferenças de mentalidade: a adaptação chinesa em relação aos ocidentais não era tão bem sucedida como a japonesa para Moraes; o cenário japonês era composto de paisagens maravilhosas, enquanto o chinês de miséria e de pobreza, e a mulher chinesa não era tão gentil como a japonesa. Estas divergências entre o Japão e a China moldaram a visão de Moraes e foram uma base de comparação para ele deixar de sentir o fascínio inicial que nutria para com a China e se enamorar do país do *Sol Nascente*. O Japão representava o Oriente não corrompido pelo povo do Ocidente, que, apesar das várias reformas que fez com a abertura do país, ainda mantinha vigorosamente o seu lado tradicional, ao contrário da China, que tinha sido atacada várias vezes pelos ocidentais e se encontrava à mercê da vontade das grandes potências ocidentais da época.

Conclusão

O século XIX constituiu um momento decisivo no processo de globalização, durante o qual, como parte desse processo, o Ocidente e o Oriente se aproximaram. Surgiram interesses provenientes de vários países ocidentais na China, acabando esta por se sujeitar a estes, incapaz de se adaptar à vaga imperialista ocidental que teimava em varrer o mundo.

Portugal, neste período, deixa de ter uma importância fulcral no Extremo Oriente, com Macau a perder o seu papel face a Hong Kong, e com a abertura de outros portos chineses ao comércio internacional. Macau, adjacente ao império chinês, surge como uma cidade incapaz de corresponder aos requisitos ocidentais para o grande comércio, com o seu porto de águas baixas. Ao perder a sua importância, Portugal deixa de ter um lugar de destaque na corte chinesa. O governo macaense tenta não perder as vantagens de que antes beneficiava face aos restantes estrangeiros, apelando à amizade de longa data entre Portugal e a China. Porém, nem sempre a amizade luso-chinesa veio em favor de Portugal.

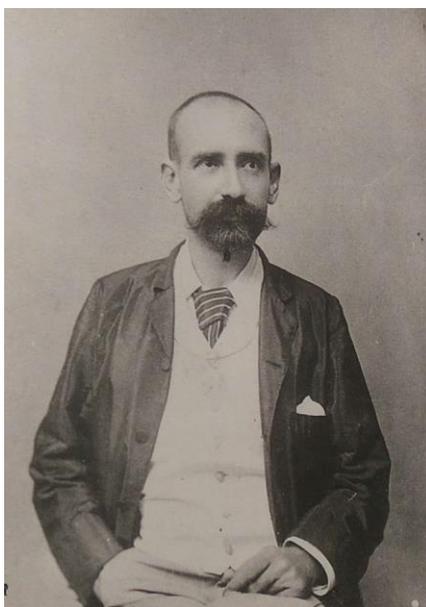


Figura 14 - Wenceslau de Moraes⁵¹

Foi no final do século XIX que Wenceslau de Moraes, marinheiro português, desembarcou em Macau. Detentor de uma sensibilidade única, deixou-se deslumbrar pelo

⁵¹ Retirada do livro *Wenceslau de Moraes: Fotobiografia* (Pires, 1993: 101).

que a China lhe poderia oferecer, desde paisagens invulgares para um ocidental até à mulher chinesa. Em Macau trabalhou e constituiu família. A família, apesar de não se encontrar presente no Japão, acompanha-o até ao final da sua vida, sendo os filhos contemplados no seu testamento. A relação com Atchan, a mestiça chinesa, surge como uma relação complexa; Moraes revela-se distante e por vezes hostil a manter qualquer tipo de relacionamento com a mãe dos seus filhos luso-chineses.

Wenceslau de Moraes desenvolve a sua escrita na China. Descreve pelas suas próprias palavras a beleza e o exotismo do país aos leitores portugueses. Escreve sobre o dia-a-dia, as pessoas, a sociedade e a cultura. Deslumbra os leitores com as crenças do povo chinês. Critica as injustiças praticadas naquele país, tal como as guerras que ali são travadas, oferecendo-nos uma opinião invulgar na época. Contudo, decorridos vários anos na China, perde o seu fascínio e começa a sentir algum desapontamento perante a realidade que o cerca. Em comparação, o Japão apresenta-se aos olhos do autor como um país de maravilhas, pelo que acaba por ir habitar no arquipélago japonês, deixando a sua vida e família chinesas para trás. Porém, não se poderá negar a importância que para ele teve a China, nem o fascínio que exerceu sobre ele. A China e Macau acompanharam sempre Moraes, mesmo aquando da sua estadia no Japão. Moraes via em Macau uma ótima oportunidade para Portugal reatar o comércio extremo-oriental e prosperar com ele, tendo, enquanto cônsul, escrito vários artigos com o objetivo de promover este comércio e de persuadir o povo português a procurar negócio no Extremo Oriente.

O Japão e a China apresentam uma dualidade de fascínio em Wenceslau de Moraes. Moraes sente-se fascinado com a China, mas também se mostra infeliz com o estado do país e com a miséria do povo. O Japão apresenta-se-lhe como fascinante, puro deleite para o autor. Na sua escrita podem-se observar as diferenças e semelhanças entre a visão destes dois povos e a sua opinião relativamente a cada um destes dois países durante o período em que aí viveu. É notória também a distinta capacidade de adaptação e a interação que os dois países tiveram com os estrangeiros.

A visão da China de Wenceslau de Moraes, apesar de não ser tão aprofundada como a visão do Japão, não deixa de ser um elemento importante de estudo, tanto em contexto histórico como em contexto literário e biográfico. A China foi para este autor um ponto de início, o lugar onde a sua escrita começou a florescer sendo, portanto, uma interessante linha de investigação para aqueles que se dedicam a conhecer melhor a obra de Wenceslau de Moraes e a sociedade chinesa da sua época.

Bibliografia

- Aresta, A., & Oliveira, C. V. de (1998). *O Senado - Fontes Documentais para a História do Leal Senado*. Macau: Leal Senado de Macau.
- Barreiros, D. (1990). *A paixão chinesa de Wenceslau de Moraes* (Reed.). Macau: Instituto Português do Oriente.
- Barros, A. L. (2014), Referências interculturais oitocentistas nas obras metalinguísticas em português e chinês do P.^e Joaquim Gonçalves, *Diacrítica* 28-1, pp. 103-133.
- Barros, A. L., & Ng Cen, A. (2014), *Gramática e Diálogos em Português e Chinês: um manuscrito inédito do P.^e Joaquim Afonso Gonçalves*, Introdução e Edição crítica de Anabela Leal de Barros, com Fixação dos caracteres chineses por Ana Ng Cen, Braga: Instituto Confúcio e Edições Húmus.
- Barros, A. L., & Ng Cen, A. (2017), *O método de Joaquim Afonso Gonçalves para o ensino-aprendizagem do Chinês e do Português: edição actualizada do códice 7975 da Biblioteca Nacional de Portugal*, Introdução e Edição crítica interpretativa de Anabela Leal de Barros, com Fixação dos caracteres chineses por Ana Ng Cen, Famalicão/ Braga: Edições Húmus e Instituto Confúcio da Universidade do Minho.
- Bland, J. O. P. (1917). *Li Hung-chang*. London: Constable & Company Ltd.
- Cabral, L. (2013). De Qianlong a Mao Zedong. In *A herança de Confúcio: Dez ensaios sobre a China* (pp. 233-270). Vila Nova de Famalicão: Húmus.
- Ferreira, L. G. (2004). *Wenceslau de Moraes, o diplomata*. Lisboa: Instituto Camões & Nova Vega.
- Figueiredo, F. (2000). A conjuntura política: depois de Hong Kong. In *História dos Portugueses no Extremo Oriente: Macau e Timor do Antigo Regime à República* (Vol. 3, pp. 35-92). Lisboa: Fundação Oriente.
- Gonçalves, J. A. (1829), 法文字漢 *Arte China / constante de Alphabeto e Grammatica / Compreendendo Modelos das Diferentes Composições* / composta por J. A. Gonçalves / Sacerdote da Congregação da Missão. Macao: Real Collegio de S. Jose.
- Guimarães, A. (2000). A conjuntura política: antes de Hong Kong. In *História dos Portugueses no Extremo Oriente: Macau e Timor do Antigo Regime à República* (Vol. 3, pp. 11-34). Lisboa: Fundação Oriente.
- Gunn, G. C. (1999). *Ao encontro de Macau: Uma cidade-estado portuguesa na periferia da China, 1557-1999*. Macau: Tipografia Hung Heng.
- Haw, S. G. (2005). *História da China*. Lisboa: Tinta da China.

- Henshall, K. (2004). *A History of Japan: From Stone Age to Superpower*. New York: Palgrave Macmillan.
- Henshall, K. (2008). *História do Japão*. Lisboa: Edições 70.
- Hofstede, G. H. (2003). *Culturas e organizações: compreender a nossa programação mental*. Lisboa: Sílabo.
- Hucker, C. O. (1975). *China's Imperial Past*. Stanford: Stanford University Press.
- Inso, J. do (1933). *Visões da China*. Lisboa: Jaime do Inso.
- Janeiro, M. J. (1993). *Fala a lenda japonesa: colectânea de histórias e lendas japonesas*. Lisboa: Cotovia.
- Jesus, J. M. D. de (2007). Quadro das relações Portugal-China na última década do Século XIX - Crises de Identidade a que não escapou Wenceslau de Moraes. *Evocação de Wenceslau de Moraes*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Júnior Jorge Fonseca. (1993). *Wenceslau de Moraes e outras evocações*. São Paulo: Aliança Cultural Brazil-Japão.
- Kissinger, H. (2011). *Da China*. Lisboa: Quetzal.
- Kuhn, P. A. (1978). The Taiping Rebellion. In *The Cambridge History of China* (Vol. 10, pp. 264–317). Cambridge, London, New York, Melbourne: Cambridge University Press.
- Laborinho, A. P. (2004). *O essencial sobre Wenceslau de Moraes*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Liu, K.-C., & Smith, R. J. (1978). The Military challenge: the north-west and the coast. In *The Cambridge History of China* (Vol. 11, pp. 202–273). Cambridge, London, New York New Rochelle, Melbourne, Sydney: Cambridge University Press.
- “*Loti, Pierre*”. (1993). In *The New Encyclopædia Britannica* (15th ed., Vol. 7, p. 489). Chicago, Auckland, Geneva, London, Madrid, Manila, Paris, Rome, Seoul, Sydney, Tokyo, Toronto: Encyclopaedia Britannica.
- Martins Janeira, A., & Pires, D. (1993). *Antologia*. Lisboa: Vega.
- Moraes, W. de (1905). *Cartas do Japão II*. Porto: Livraria Magalhães & Moniz.
- Moraes, W. de (1906). *Paisagens da China e do Japão*. Lisboa: Viuva Tavares Cardoso.
- Moraes, W. de (1916). *O “Bon-odori” em Tokushima (Caderno de impressões íntimas)*. Porto: Livraria Magalhães & Moniz.
- Moraes, W. de (1925). *Relance da Alma Japonesa*. Lisboa: Portugal-Brasil.

- Moraes, W. de (1933). *Osoroshi*. Lisboa: Casa Ventura Abrantes.
- Moraes, W. de (1944). *Cartas Íntimas de Wenceslau de Moraes*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- Moraes, W. de (1946). *Traços do Extremo Oriente* (2nd ed.). Lisboa: Livraria Barateira. (originalmente publicado em 1895)
- Moraes, W. de (1961). *Cartas ao seu amigo Polycarpo de Azevedo escritas em Tokushima entre 1914 e 1927*. Lisboa: Livreiro Antiquário Arnaldo Henriques de Oliveira.
- Moraes, W. de (1972). *Dai-Nippon - O grande Japão*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira. (originalmente publicado em 1897)
- Moraes, W. de (1973). *Os serões no Japão*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira. (originalmente publicado em 1926)
- Moraes, W. de (1977). *Cartas do Japão*. Lisboa: Parceria A. M. Pereira. (originalmente publicado em 1904)
- Moraes, W. de (1985). *A vida japonesa: terceira série de cartas do Japão (1905-1906)*. Porto: Livraria Chardron. (originalmente publicado em 1907)
- Moraes, W. de (1993). *Cartas do Extremo Oriente*. Lisboa: Fundação Oriente.
- Moraes, W. de (1993). *Dai-Nippon*. Rio de Janeiro: Nórdica. (originalmente publicado em 1897)
- Moraes, W. de (2004). *Fernão Mendes Pinto no Japão*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (originalmente publicado em 1923)
- Moraes, W. de (2006). *Ó-Yoné e Ko-Haru*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda. (originalmente publicado em 1920)
- Moraes, W. de (2007). *O Culto do Chá*. Padrões Culturais Editora. (originalmente publicado em 1905)
- Morais, V. de, & Dias, J. (1988). *Do Kansai a Shikoku: traços da última jornada de Venceslau de Moraes*. Lisboa: Instituto Cultural de Macau.
- Morais, V. de, & Dias, J. (1993). *Venceslau de Moraes: notícias do exílio nipónico*. Instituto Cultural de Macau & Comissão Territorial para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.
- Nitta, J. & Fujiwara, M. (2012). *Koshū: saudade*. Tokyo: Bungeishunjū.
- Oliveira, C. V. de. (1994, dezembro). A China e Macau na obra de Wenceslau de Moraes. In *Revista de Administração Pública de Macau, volume 7* (Nº 26), pp. 619-628.

- Oliveira, J. C. (2000). Sociedade e Quotidiano. In *História dos Portugueses no Extremo Oriente: Macau e Timor do Antigo Regime à República* (Vol. 3, pp. 313–482). Lisboa: Fundação Oriente.
- Pacheco Pinto, M. (2013). *Traduzir o outro Oriental - A configuração da figura feminina na literatura portuguesa finissecular (António Feijó e Wenceslau de Moraes)* (dissertação de doutoramento). Universidade de Lisboa.
- Pires, D. (1993). *Wenceslau de Moraes: Fotobiografia*. Lisboa: Fundação Oriente.
- Roberts, J. A. G. (2011). *História da China*. Palgrave Macmillan.
- “Roçadas, José Augusto Alves”. (1985). In *Dicionário de História de Portugal* (Vol. 5, pp. 351-352). Livraria Figueirinhas.
- Saldanha, A. V. de. (2000). *Colecção de Fontes Documentais para a História das Relações entre Portugal e a China* (Vol. 6, pp. 1146-1208). Macau: Fundação Macau, Universidade Macau.
- Saldanha, A. V. de, & Alves, J. M. dos S. (1996). *Estudos de história do relacionamento Luso-Chinês: Séculos XVI-XIX*. Macau: Instituto Português do Oriente.
- Sena, T. (2007). Considerações a partir de uma nota de 500 patacas com a efígie de Wenceslau de Moraes. In *Evocação de Wenceslau de Moraes*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Sociedade de Geografia de Lisboa (1955). *Wenceslau de Moraes: no seu primeiro centenário*. Lisboa: Tipografia Silvas, Lda.
- “Taiping Rebellion”. (1993). In *The New Encyclopædia Britannica* (15th ed., Vol. 11, p. 509). Chicago, Auckland, Geneva, London, Madrid, Manila, Paris, Rome, Seoul, Sydney, Tokyo, Toronto: Encyclopaedia Britannica.
- Torres, R. de A. (1975). *Historiadores e eruditos; Gama Barros, Braamcamp Freire e Carolina Michaëlis; a poesia parnasiana; a sátira em Guerra Junqueiro e Gomes Leal; Teixeira de Queirós e Trindade Coelho; o exotismo de Wenceslau de Moraes; a filosofia de Sampaio Bruno*. Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade.
- Wilbur, C. M. (1976). *Sun Yat-sen, frustrated patriot*. New York: Columbia University Press.
- Wu, Z. (1999). *Segredos da sobrevivência: História política de Macau*. Macau: Associação de Educação de Adultos de Macau.

Situgrafia

名墓録.<http://www.hugyou.jp/meibo/index.cgi?start=13569&acto=html&typed=&page=100>. Consultado a 3 de abril de 2017.

O Comércio do Porto. [https://www.infopedia.pt/\\$o-comercio-do-porto](https://www.infopedia.pt/$o-comercio-do-porto). Consultado a 12 de abril de 2017.

Geert Hofstede - Biography. <http://geerthofstede.com/geert-hofstede-biography/>
Consultado a 24 de maio de 2017.

Martins Janeira, A. (1956). *O Jardim do Encanto Perdido*. Porto: Manuel Barreira - Editor. http://armandomartinsjaneira.net/downloads/Armando_Martins_Janeiro-O_Jardim_do_Encanto_Perdido-excertos.pdf. Consultado a 4 de abril de 2017.

Okamura, T. (1994). *モラエスの生涯(1) : マカオ以前/A Vida de Wenceslau de Moraes antes da Chegada a Macau*. Tóquio. <http://repository.tufs.ac.jp/handle/10108/23587>. Consultado a 24 de março de 2017.

Okamura, T. (1996). *モラエスの生涯(3) : 亜珍母子をめぐって/A Amante Chinesa de W. de Moraes, Acham e seus Filhos*. Tóquio. <http://repository.tufs.ac.jp/handle/10108/23640> Consultado a 24 de março de 2017.

Okamura, T. (1996). *モラエスの生涯(2) : 訪日の10年(1889~1899)/ Dez anos de visitas de Wenceslau de Moraes ao Japão (1889-1899)*. Tóquio. <http://repository.tufs.ac.jp/handle/10108/23630> Consultado a 24 de março de 2017.

Pessanha, C. (1894). cartas - Camilo Pessanha. <https://sites.google.com/site/pesscam/obra/cartas> Consultado a 19 de março de 2017.

The Wharf (Holdings) Limited. <http://www.wharfholdings.com/> Consultado a 30 de março de 2017.